

Fabiana da Silva Kauark
Fernanda Castro Manhães
Carlos Henrique Medeiros

Metodologia da Pesquisa

Um guia prático





METODOLOGIA DA PESQUISA:
UM GUIA PRÁTICO

Via Litterarum
EDITORA

Conselho Científico / Editorial

Prof. Dr. Auner Pereira Carneiro
Faculdade Metropolitana São Carlos - FAMESC

Prof. Dr. Ed Porto Bezerra
Programa de Mestrado em Comunicação Social - PPGC/UFPB
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Fabricio Moraes de Almeida
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Prof. Dr. Javier Vergara Núñez
Universidade de Playa Ancha - Chile

Prof. Dr. Jerjes Ruiz Castro
Diretor da Universidad Politécnica de Nicaragua - UPOLI

Prof. José Antonio Torres
Universidad de Jaén Espanha

Prof. Dr. Jose Manuel Bautista Vallejo
Universidad de Huelva - Espanha

Prof. Dra. Martha Vegara Fregoso
Universidad de Guadalajara - México

Prof. Dr. Sahudy Montenegro González
Universidade Federal do ABC (UFABC)

Prof. Msc. Sandra Cristina Souza Reis Abreu
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Via Literarum
EDITORA

METODOLOGIA DA PESQUISA: UM GUIA PRÁTICO

AUTORES:

Fabiana da Silva Kauark
Fernanda Castro Manhães
Carlos Henrique Medeiros

Via Litterarum

Itabuna / Bahia, 2010.

EDITORA



Via Litterarum
EDITORA

Copyright © 2010, Fabiana Kauark,
Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros
Todos direitos desta edição reservados à
VIA LITTERARUM EDITORA
Rua Rui Barbosa, 934 - Térreo - Centro
Itabuna - Bahia, Brasil - 45600-220
Tel.: (73) 4141-0748 :: vleditora@gmail.com
www.vleditora.com.br :: www.quiosquecultural.com.br

REVISÃO

Aurélio Schommer

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Marcel Santos

DIAGRAMAÇÃO

Ítalo Felipe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K21 Kauark, Fabiana.
Metodologia da pesquisa : guia prático / Fabiana Kauark,
Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. – Ita-
buna : Via Litterarum, 2010.
88p.

ISBN

1. Pesquisa. 2. Pesquisa – Metodologia. I. Manhães, Fer-
nanda Castro. II. Medeiros, Carlos Henrique. III. Título.

CDD – 001.42

Ficha catalográfica : Elisabete Passos dos Santos CRB5/533

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, total ou parcial, constitui violação da lei n 9.610/98.

APRESENTAÇÃO

Para o estudante, a expressão “metodologia científica” é de mau gosto, enfadonha e sem sentido, representando coisa que algum burocrata da Universidade inventou, movido pelo sadismo, para complicar a vida. Ou seja, uma coleção de regras que se somam ao já complicado idioma pátrio e aos desafios apresentados pelo próprio objeto de estudo. À primeira vista, o senso comum do estudante tem razão.

Na verdade, “metodologia científica” é muito mais do que “margem esquerda recuada a tantos centímetros” ou padronização das citações. É uma coleção, reunida ao longo de séculos de aperfeiçoamento da ciência, com a contribuição das academias, universidades e cientistas, de pressupostos para realizar e apresentar um trabalho de pesquisa, visando a eficácia deste, de seus resultados, por um lado, e, por outro, proporcionar um padrão reconhecível por outros pesquisadores e pelo público geral. Melhorou? Não. Segue sendo algo que, para ser corretamente expresso, precisa de uma linguagem complicada. O grande mérito deste livro, “Metodologia da Pesquisa: um guia prático”, é justamente traduzir “metodologia científica” em algo acessível.

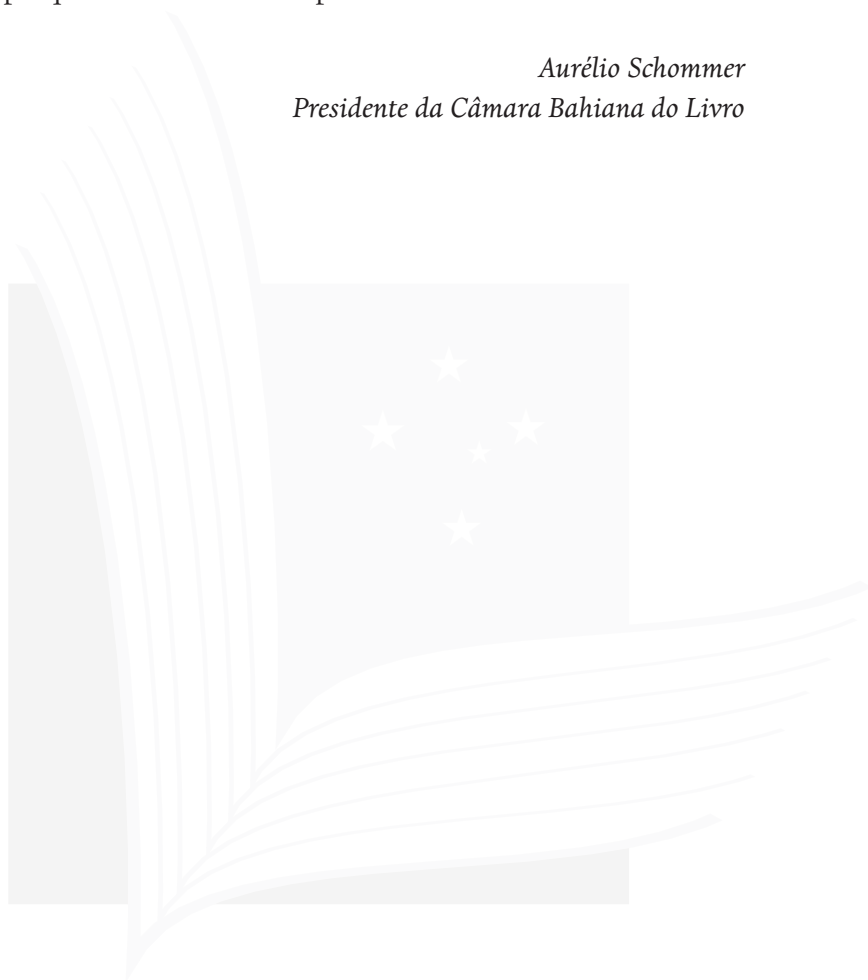
Nunca houve tantos alunos de graduação, tantos mestrandos, tantos doutorandos. Cada um destes precisa dominar a metodologia científica, compreendê-la ao menos o suficiente para planejar e bem conduzir o trabalho que deles será exigido, seja uma simples monografia, seja uma longa tese de doutorado. “O Caminho das Pedras”, se não esgota o tema, vasto como a própria Ciência, será de grande utilidade a todos os estudantes, especialmente por focar a pesquisa acadêmica, o ambiente acadêmico.

O grande mérito desta obra é, portanto, a simplicidade com que apresenta o complexo, constituindo, assim, ferramenta útil e de fácil

manuseio. Boa leitura e boa consulta, pois este é daqueles livros que o estudante-pesquisador deve ter sempre à mão.

Aurélio Schommer

Presidente da Câmara Bahiana do Livro



Via Litterarum
E D I T O R A

PREFÁCIO

O objetivo da ciência é explicar os fenômenos naturais de forma objetiva. Graças a ela, agora sabemos por que chove, por que o sol nasce pela manhã, por que uma planta cresce e temos respostas para uma miríade de dúvidas primitivas. Portanto, a ciência não deve ser mantida apenas nos laboratórios, nas discussões entre os pesquisadores e periódicos. A ciência deve ser um conhecimento popular, continuamente renovado, para que todos os esforços de divulgação frutifiquem. Cada princípio exposto e cada teoria proposta devem ser divulgados para além da pequena área frequentemente visada. Este é o verdadeiro valor da ciência, a importância de sua expressão horizontal.

A ciência e a tecnologia podem transformar nossas vidas. Para explicar isso, basta dizer que não vivemos como viviam há 50 anos nossos avós. Estamos em uma época em que os avanços tecnológicos e as descobertas são parte de cada dia. São estas razões que devem levar as pessoas a conhecer estes avanços e descobertas, não só como informação cultural e científica para servir como material de conferência em um debate mais qualificado para este material, mas para entender fenômenos cotidianos.

Ciência e pesquisa não necessitam de locais específicos para sua implementação, apesar de existirem algumas instituições em que a investigação e a ciência estão em seu pico. A universidade é um deles.

Kingman Brewster, ex-presidente da Universidade de Yale em meados da década de setenta, disse que a universidade se preocupa com quatro questões: a acumulação de fatos (*accumulating facts*), a aprendizagem de competências (*learning skills*), a aquisição de julgamentos (*acquiring judgment*) e as descobertas, trazendo coisas novas (*making discoveries*).

Quanto ao acúmulo de fatos e habilidades de aprendizagem, nós temos livros que percorrem grandes caminhos e novas ferramentas pedagógicas, com grande poder de transformação da realidade.

No entanto, a real importância da Universidade para a ciência são as questões terceira e quarta entre as definidas por Brewster (“aquisição de julgamentos” e “descobertas”), porque o julgamento crítico não pode ser empacotado ou programado. Criar novas realidades pode depender de reflexão solitária, mas também de discussão, argumento, desafio e resposta, para colocar nossos preconceitos em contraste com os dos outros. Tudo isso é pesquisa científica.

As instituições de ensino superior, especialmente as universidades, tem como fins a excelência humana e cultural e a investigação científica, e como meio principal para atingir esses fins a carreira docente. Em muitas partes do mundo, nota-se uma crise em relação a cada um destes fins.

Dedicação à pesquisa científica é uma das ações mais importantes para as universidades. A ciência, no ambiente acadêmico, pode e deve ser abordada em profundidade. Isto deve ser entendido sempre no sentido do ensino das ciências e da dedicação à pesquisa científica como uma fonte de renovação e de exigência de progresso.

Uma universidade digna do nome é aquela que “faz ciência e a ensina”, não apenas divulga os conhecimentos adquiridos por outros, de forma simplificada. É, portanto, indiscutível que a pesquisa é uma das tarefas específicas da universidade.

No entanto, a questão é: devemos perguntar o que se entende por pesquisa científica e o que a universidade pode fazer por ela.

É preciso destruir o mito de que o trabalho de pesquisa é privilégio de gênios e somente eles podem fazê-lo. É um mito que a ciência é apenas para aqueles com doutorado. Se se aceita a existência de níveis de pesquisa ou fases de pesquisa, podem investigar tanto estudantes de graduação como de pós-graduação.

Todos nós podemos investigar o significado mais profundo da palavra pesquisa. A investigação é uma vocação humana universal. Estamos sempre em busca da verdade. Essa investigação, para levar do conhecimento vulgar e do empírico ao conhecimento científico, à

verdade, precisa ser sistemática, organizada e exige reflexão permanente, algo que a Universidade e o ambiente acadêmico deve proporcionar a todos. Em contrapartida, cabe a todos tomar consciência da importância do método científico e segui-lo.

A futura universidade é um fenômeno cultural de massa e, como tal, enfrentará o desafio de levar a complexidade, a incerteza e a necessidade de mudanças a um número crescente de pessoas de todos os níveis sociais e culturais. Se for bem-sucedida na tarefa, irá contribuir enormemente para elevar o saber, levando o debate científico para o cotidiano não mais de uma elite, mas de uma maioria.

Um livro como este aqui apresentado tem todas as qualidades do ensino e da pesquisa, sendo, ao mesmo tempo, acessível a estudantes e pesquisadores de todos os níveis. Quando estes descobrem o prazer de investigar aplicando o método científico, descobrem em seguida a paixão da descoberta que é fruto do trabalho metódico, alicerçado na identificação do problema, na formulação de hipóteses e na pesquisa sistemática. Sendo assim, este livro é uma ferramenta excelente para fazer e ensinar ciência.

*Dr. H.C. José Manuel Bautista Vallejo
Universidade de Huelva (Espanha)*

Via Litterarum
EDITORA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A CIÊNCIA	17
1.1 Do Medo à Ciência.....	17
1.2 A evolução da Ciência	19
1.3 A neutralidade científica.....	22
1.4 O espírito científico	23
2 A PESQUISA	24
2.1 Conceitos e significados	24
2.2 Tipos de Pesquisa	25
2.3 Fases e etapas da pesquisa	29
3 A CIÊNCIA E O PESQUISADOR: atitudes dos cientistas.....	32
4 PRODUÇÕES CIENTÍFICAS E COMUNICAÇÃO o produto final das pesquisas	33
4.1 O “caminho das pedras” para a produção de textos científicos.....	36
5 O PROJETO DE PESQUISA.....	38
5.1 Estrutura material do trabalho científico	39
5.2 Etapas para a elaboração de um projeto de pesquisa.....	46
5.2.1 Escolha do Tema.....	46
5.2.1.1 Fatores internos - afetividade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal.....	46

5.2.1.2 - Fatores Externos - a significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais	47
5.2.2 Levantamento ou Revisão de Literatura	47
5.2.3 Problema.....	50
5.2.4 Hipótese	52
5.2.5 Justificativa	52
5.2.6 Objetivos	52
5.2.7 Metodologia.....	53
5.3 Instrumentos de pesquisa.....	54
5.3.1 Fichamentos.....	54
5.3.2 Internet	57
5.3.3 Questionário	58
5.3.4 Formulário	58
5.4 Técnicas para coleta de dados.....	60
5.4.1 Observação	62
5.4.2 Entrevista	64
6 OS MÉTODOS CIENTÍFICOS	65
6.1 Cronograma	68
6.2 Orçamento/Recursos	69
6.3 Anexos ou Apêndices	69
6.4 Referências.....	69
6.5 Glossário	70
6.6 Esquema do Trabalho	70
6.7 Coletas de Dados	74
7 PESQUISA EM EDUCAÇÃO.....	75
7.1 Produções científicas em educação – textos científicos –	79
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Este trabalho não tem a pretensão de abranger todas as questões envolvidas em Metodologia Científica. Trata-se, tão somente, de um fundamento primo para consultas por parte dos alunos dos cursos de formação acadêmica ou no exercício da profissão, portanto formação continuada, que precisam utilizar os princípios e procedimentos da área de Metodologia da Pesquisa Científica (METEC). Nesse sentido, fornecer dicas para a iniciação e estruturação de trabalhos científicos em nível de graduação e pós-graduação, possibilitando tais construções, é a pretensão dos estudos, escritos e formatações, orientados para a efetividade da produção científica, aqui constantes. A intenção maior é a de fomentar o aluno ou pesquisador à busca pelo aprofundamento teórico ou prático, que deverá se dar a partir da investigação literária e da sistematização da bibliografia complementar da área específica de sua pesquisa até possibilidades de intervenção investigativa da pesquisa de campo.

Na estrutura deste trabalho, pensado como modelo para a sala de aula, as normas e regras da metodologia científica são apresentadas e explicadas para cada parte de um trabalho científico, sem a pretensão de abordar cada tema de forma exaustiva. O objetivo é que este livro seja um guia para consultas rápidas sobre o universo das produções científicas.

Observações próprias e aleatórias, sem conotação científica, tornam possível afirmar que a disciplina de Metodologia Científica é uma das mais abdicadas pelos alunos em praticamente todos os cursos de graduação e pós-graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*. Lembra o velho chavão: “*odeio matemática*”. A comparação com a ciência Matemática é bem apropriada, pois ambas as áreas têm sua rejeição ancorada no desconhecimento a priori de seus fundamentos. A Matemática é

amada ou odiada. A Metodologia Científica também, sob as mesmas possibilidades de justificativas. Muitos não percebem a importância destes conhecimentos para o dia-a-dia, talvez por falhas na metodologia de ensino, por vezes pouco estimulante. Ou seja, na verdade, essa rejeição não se dá pela disciplina em si, já que seu conteúdo é simples e até mesmo primário.

A disciplina Metodologia Científica é eminentemente prática e deve-se estimular os alunos para que busquem respostas às suas dúvidas. Se nos referimos a um curso superior, estamos naturalmente nos referindo a uma Academia de Ciência e, como tal, as respostas aos problemas de aquisição de conhecimento precisam ser buscadas através do rigor científico e apresentadas através das normas acadêmicas vigentes.

Dito isto, fica claro que metodologia científica não é um simples conteúdo a ser decorado pelos alunos, a ser verificado em um dia de prova. É preciso fornecer aos alunos os instrumentos para que sejam capazes de atingir os objetivos da Academia, que são o estudo e a pesquisa em qualquer área de estudo. Trata-se então de se aprender fazendo, como sugerem os conceitos mais modernos da Pedagogia. Este conhecimento fundamenta práticas e direciona atitudes profissionais mais concisas, buscando ensaios e acertos, não ensaios e erros.

Procuramos seguir rigorosamente as normas definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT para elaboração de trabalhos científicos.

Qualquer Faculdade nada mais é do que o local próprio da busca incessante do saber científico. Neste sentido, esta disciplina tem uma importância fundamental na formação do profissional. Se os alunos procuram a Academia para buscar saber, precisamos entender que Metodologia Científica nada mais é do que a disciplina que “estuda os caminhos do saber”, sendo que “*método*” quer dizer caminho, “*logia*” quer dizer estudo, e “*ciência*” quer dizer saber. Mas aprender a pesquisar pode ser prazeroso e, cá entre nós, não é tão difícil assim.

Vamos fazer um teste. Imagine-se como um pesquisador em seu exercício de investigação. Siga as orientações contidas na página a seguir e veja o quanto de pesquisador você já tem desenvolvido. Agora, mãos à obra e cabeça ao trabalho. Bom desempenho!

Avalie seu Potencial como Pesquisador. Responda Sim (S) ou Não (N) às indagações abaixo:

- A decoração de sua sala de estudo é melhor do que a de seu apartamento.
- Alguma vez já levou um artigo acadêmico para um bar ou café.
- Para avaliar bares ou cafés, leva em conta a existência de tomadas de *laptop*.
- Alguma vez já decidiu questões acadêmicas em um evento esportivo.
- Em relação a microfilmes e microfichas, tem indiscutível preferência por um deles.
- Sempre lê referências bibliográficas de artigos acadêmicos.
- Pensa que as letras gregas escritas no agasalho de uma irmandade são fórmulas estatísticas.
- Precisa explicar às crianças por que continua estudando.
- Refere-se a contos de fada como “Branca de Neve e cols.”.
- Pergunta-se se uma conversa consigo mesmo pode ser citada com “comunicação pessoal”, de acordo com as regras da ABNT.

5 ou 6 “S” – Pronto para cursar disciplinas sobre métodos de pesquisa; 7 ou 8 “S” – Provavelmente, um bom mestrando; 9 ou 10 “S” – Com certeza, um bom doutorando.

Figura 1 – Quadro de referências das aptidões para o estudo das ciências pela prática da Metodologia Científica.

1 A CIÊNCIA

1.1 Do Medo à Ciência

A evolução humana é marcada pela evolução da inteligência da espécie. Tal característica marcante conhece três fases mais ou menos consecutivas, diferenciadas pela atitude do homem frente à natureza: a fase do medo, a do misticismo e a da ciência.

Os seres humanos primitivos não conseguiam entender os fenômenos naturais. Por este motivo, suas reações atinham-se ao medo, por absoluta impotência diante do incompreensível, como as tempestades, os raios, as variações de temperatura. Sem dominar técnicas relevantes para domar a natureza e os perigos desta, este homem era refém do aleatório.

Num segundo momento, o homem passa a tentar explicações para os fenômenos a partir de pensamentos abstratos e associativos, elaborando a magia, as crenças e as superstições. As tempestades podiam ser fruto de uma ira divina; a boa colheita, da benevolência dos mitos. As desgraças ou as fortunas eram explicadas através da troca do humano com o mágico. Embora tais ideias não resultem em aplicações práticas imediatas, elas representam uma evolução na trajetória da inteligência humana, importante, pois o ganho da metáfora (associação simbólica de situações) está na gênese do pensamento especulativo, fundamental para a etapa evolutiva seguinte.

A técnica, a tecnologia, ou seja, a capacidade de aprender a trabalhar com bens naturais, transformando-os em bens manufaturados e úteis, daí em outros bens e serviços elaborados, em degraus de complexidade crescente, não é exclusividade humana. Certas espécies de macacos e outros animais também são capazes de aprender técnicas, fabricando bens úteis, e passá-las a seu grupo social. Porém, apenas o homem, através da ciência metódica, evolução do pensamento

mágico, metafórico, para a especulação sistemática, é capaz de produzir tecnologia avançada, aquela que o faz passar de vítima do meio natural a senhor quase onipotente deste. Do medo à magia, à metáfora, à lógica, à ciência. Eis o caminho do animal com maior capacidade de pensamento abstrato, ou, para quem prefira algo compatível com certas teologias, do ser vivo de todos diferenciado, justamente pela inteligência sem par.

O desenvolvimento do conhecimento humano também está intrinsecamente ligado à característica gregária (comunitária). Assim, o saber de um indivíduo é transmitido a outro, que, por sua vez, passa este saber a um terceiro. Deste modo evolui a ciência. Mas...

O que é Ciência?

- Acumulação de conhecimentos sistemáticos.
- Caracteriza-se pelo conhecimento racional, sistemático, exato e verificável.
- Forma sistematicamente organizada de pensamento objetivo.

Segundo alguns autores:

“A ciência é o conjunto de *conhecimentos racionais, certos ou prováveis*, obtidos *metodicamente, sistematizados e verificáveis*, que fazem referência a objetos da mesma natureza” (ANDER-EGG, 1973).

“Atividade pela qual os homens adquirem um conhecimento ordenado dos fenômenos naturais, trabalhando com uma metodologia particular (observação controlada e análise) e com um conjunto de atitudes (ceticismo, objetividade, etc.)” (MARX & HILLIX, 1963).

“Um cientista, seja teórico ou experimental, formula enunciados ou sistemas de enunciados e verifica-os um a um. No campo das ciências empíricas (...) ele formula hipóteses ou sistemas de teorias e submete-os a teste, confrontando-os com a experiência, através de recursos de observação e experimentação” (POPPER, 1959).

“Concebe-se fazer o fazer ciência como produzir conhecimentos no sentido de chegar a novas descobertas. Para tanto é necessário observar, realizar experiências, construir instrumentos, descobrir leis, estabelecer previsões, procurar explicações, elaborar teorias, conceitos, submeter hipóteses a testes, escrever e publicar resultados e tentar, finalmente, que a tecnologia aplique suas descobertas” (D’OLIVEIRA, 1984).

E você, como conceituaria a ciência? Exercite e crie seu conceito. Não se esqueça de colocar aspas e, ao finalizar o parágrafo, seu sobrenome e o ano dentro de parênteses, fazendo parte deste quadro de autores, colocando-se como fonte. Assim começamos o nosso exercício de citação, que mais tarde conceituaremos. Vamos lá!

1.2 A evolução da Ciência

Entre todos os animais, nós, os seres humanos, somos os mais capazes de criar e transformar o conhecimento; somos os mais capazes de aplicar o que aprendemos, por diversos meios, numa situação de mudança do conhecimento. Somos os mais capazes de criar um sistema de símbolos, como a linguagem, e com eles registrar nossas próprias experiências e passá-las para outros seres humanos. Essas características diferenciam-nos dos patos, dos macacos e dos leões.

Ao criarmos este sistema de símbolos, ao longo da evolução da espécie humana, permitimo-nos também ordenar melhor o pensamento, por consequência, catalogar e prever os fenômenos que nos cercam.

Os egípcios tinham desenvolvido um saber técnico evoluído, principalmente nas áreas de matemática, geometria e medicina, mas os gregos foram provavelmente os primeiros a buscar o saber que não tivesse, necessariamente, uma relação com a utilização prática. A preocupação dos precursores da filosofia (filo = amigo + *sofia* (*sóphos*) = saber - amigo do saber) era buscar conhecer o porquê e para que de tudo o que se pudesse pensar.

O conhecimento histórico dos seres humanos sempre teve uma forte influência de crenças e dogmas religiosos. Na Idade Média, a Igreja Católica serviu de marco referencial para praticamente todas as

ideias discutidas, na Europa, na época¹. Exceto pelo clero, a população não participava do saber, já que os documentos para consulta estavam presos nos mosteiros das ordens religiosas.

No período do Renascimento, aproximadamente entre o final do século XIII e meados do século XVII, os seres humanos retomaram o prazer de pensar e produzir o conhecimento através das ideias. Neste período, as artes, de uma forma geral, tomaram um impulso significativo. *Michelangelo Buonarroti* esculpiu a “Estátua de David” e pintou o teto da “Capela Sistina”, na Itália; *Thomas Morus* escreveu “A Utopia”²; *Tommaso Campanella* escreveu “A Cidade do Sol”; é de *Francis Bacon* a autoria de “A Nova Atlântica”; de *Voltaire*, no período posterior, denominado Iluminismo, é “Micrômegas”, caracterizando um pensamento não descritivo da realidade, mas criador de uma realidade ideal, do dever ser.

Nos séculos XVII e XVIII, a burguesia assumiu uma característica própria de pensamento, tendendo para um processo que tivesse imediata utilização prática. Com isso surgiu o Iluminismo, corrente filosófica que propôs “a luz da razão sobre as trevas dos dogmas religiosos”. O pensador *René Descartes* mostrou ser a razão a essência dos seres humanos, criando a célebre frase “penso, logo existo”. No aspecto político, o movimento Iluminista expressou-se pela reivindicação de escolha direta dos governantes através da vontade popular, na fórmula igualitária um homem, um voto. Neste período, a partir de 1789, ocorreu a Revolução Francesa, responsável pela implantação da fórmula.

O Método Científico surgiu como uma tentativa de organizar o pensamento para se chegar ao meio mais adequado de conhecer e controlar a natureza. Já no fim do período do Renascimento, *Francis Bacon* pregava o método indutivo como meio de se produzir o conhecimento. Este método entendia o conhecimento como resultado de experimentações contínuas e do aprofundamento do conhecimento empírico. Por outro lado, através de seu Discurso sobre o método, René

¹ Leia o livro: *O Nome da Rosa*, de *Umberto Eco*, ou veja o filme originado do livro.

² Utopia é um termo que deriva do grego, onde *u* = não + *topos* = lugar - em nenhum lugar.

Descartes defendeu o método dedutivo como aquele que possibilitaria a aquisição do conhecimento através da elaboração lógica de hipóteses e da busca de sua confirmação ou negação. A Igreja e o pensamento mágico cederam lugar a um processo denominado, por alguns historiadores, de “laicização da sociedade”. Se a Igreja trazia até o fim da Idade Média a hegemonia dos estudos e da explicação dos fenômenos relacionados à vida, a partir do Renascimento e do Iluminismo, a ciência tomou a frente deste processo.

No século XIX, a ciência passou a ter maior atenção, crescendo muito em número de adeptos e pesquisadores. Parecia que tudo só tinha explicação através da ciência. Como se o que não fosse científico não correspondesse à verdade. Se Nicolau Copérnico, *Galileu Galilei*, *Giordano Bruno*, entre outros, foram perseguidos pela Igreja em função de suas ideias sobre as coisas do mundo, o século XIX serviu como referência de desenvolvimento do conhecimento científico em todas as áreas: na sociologia, *Augusto Comte* desenvolveu sua explicação de sociedade, criando o Positivismo, vindo logo após outros pensadores; na Economia, *Karl Marx* procurou explicar as relações sociais através das questões econômicas, resultando no Materialismo Dialético; *Charles Darwin* revolucionou a Antropologia e feriu os dogmas sacralizados pela religião com a “Teoria da Hereditariedade das Espécies, ou Teoria da Evolução”. A ciência passou a assumir uma posição quase religiosa diante das explicações dos fenômenos sociais, biológicos, antropológicos, físicos e naturais.

Conhecemos a gênese da Ciência. Mas como o conhecimento tem sido conceituado e como podemos compreendê-lo? Encontrem a resposta. Os caminhos? Leiam, pesquisem, identifiquem, experimentem, comparem, avaliem, internalizem e usem o conhecimento. Boa investigação!

O que é conhecimento?

Palavras de teóricos:

“Conhecimento é a crença verdadeira justificada”.

Partimos do conceito de Platão. Sobre este, outros dados e informações podemos acrescentar, classificando-o sobre óticas diferenciadas.

- **Conhecimento espontâneo** - É ametódico e assistemático, nascendo da tentativa do homem de resolver os problemas de sua vida diária. É subjetivo, pois depende de juízos pessoais a respeito das coisas, ocorrendo o envolvimento das emoções e dos valores de quem observa. É ainda um conhecimento particular, restrito a uma pequena amostra da realidade.
- **Conhecimento científico** – É uma conquista recente da humanidade, surgido apenas no século XVII. É metódico e sistemático, voltado para a resolução de problemas inerentes a toda a humanidade. É objetivo, não dependendo dos pensamentos e desejos de nenhuma pessoa em particular, pois o conhecimento científico pode ser replicado por qualquer um que utilize o mesmo método e trabalhe com a realidade da mesma maneira. É um conhecimento geral, na medida em que busca estabelecer as regularidades dos fenômenos e não as suas particularidades. Busca leis gerais.

Mais uma vez, convidamos você para conceituar, exercitando a escrita e a sistematização do pensamento. O que é conhecimento? Não se esqueça das orientações anteriores sobre como fazer sua citação.

1.3 A neutralidade científica

A Ciência, através da evolução de seus conceitos, está dividida por áreas do conhecimento. Assim, hoje temos conhecimento nas áreas das

Ciências Humanas, Sociais, Biológicas, Exatas, entre outras. Mesmo estas divisões têm outras subdivisões cuja definição varia segundo conceitos de muitos autores. As Ciências Sociais, por exemplo, podem ser divididas em Direito, História, Sociologia, entre outras.

Em meio a esta pluralidade científica, muitas vezes o pesquisador se depara com temáticas próximas a sua realidade profissional, ou realidade vivenciada em seu contexto social, pondo em xeque a neutralidade científica. É preciso manter-se eticamente neutro de opiniões pessoais, neutro de “*achismos*”, isento de palpites.

É sabido que para se fazer uma análise desapaixonada de qualquer tema é necessário que o pesquisador mantenha certa distância emocional do assunto abordado. Mas será isso possível? Seria possível um padre, ao analisar a evolução histórica da Igreja, manter-se afastado de sua própria história de vida? Ou, ao contrário, um pesquisador ateu abordar um tema religioso sem um consequente envolvimento ideológico nos caminhos de sua pesquisa?

Provavelmente a resposta seria não. Mas, ao mesmo tempo, a consciência desta realidade pode nos preparar para trabalhar esta variável de forma que os resultados da pesquisa não sofram interferências além das esperadas. É preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por eles além do aceitável.

1.4 O espírito científico

O espírito científico é, antes de mais nada, uma atitude ou disposição subjetiva do pesquisador que busca soluções sérias, com métodos adequados, para o problema que enfrenta. Esta atitude não é inata nas pessoas, devendo ser aprendida. O espírito científico se traduz por uma mente crítica, objetiva e racional.

Criticar é julgar, discernir, distinguir, analisar melhor para poder avaliar os elementos componentes da questão. O crítico só admite o que é suscetível à prova.

A *consciência objetiva*, por sua vez, implica no rompimento corajoso

com as posições subjetivas, pessoais e mal fundamentadas do conhecimento vulgar.

A *objetividade* torna o trabalho científico impessoal, a ponto de desaparecer, por completo, a pessoa do pesquisador. Só interessa o problema e a solução. Qualquer um pode repetir a mesma experiência, em qualquer tempo, e o resultado será sempre o mesmo.

2 A PESQUISA

2.1 Conceitos e significados

Pesquisa é o mesmo que busca ou procura. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Em se tratando de Ciência, a pesquisa é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta. Não se deve dizer que se faz ciência, mas que se produz ciência através de uma pesquisa. Pesquisa é, portanto o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento. Mas como alguns autores têm definido pesquisa? E você?!

O que é pesquisa?

Segundo alguns autores:

Pesquisar significa, de forma bem simples, “procurar respostas para indagações propostas”. (SILVA e MENEZES, 2001)

Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência. (RUIZ, 1991)

A pesquisa é uma atividade voltada para a **solução de problemas**, através do emprego de processos científicos. (GIL apud SILVA e MENEZES, 2001)

Pesquisa científica é um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar **soluções para os problemas** propostos mediante o emprego de métodos científicos. (ANDRADE, 2001)

É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 1993)

É uma atitude, um questionamento sistemático, crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático. (DEMO, 1996)

Pesquisa é um conjunto de ações propostas para encontrar a solução para um problema que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos. (SANTOS, 2001)

A pesquisa científica é concebida como um processo, termo que significa dinâmico, mutante e evolutivo. Um processo composto por múltiplas etapas relacionadas entre si, que acontece ou não de maneira sequencial ou contínua. Pesquisa é um processo composto por diferentes etapas interligadas. (SAMPIERI, COLADO e LUCIO, 2006)

Agora é sua vez. Conceitue pesquisa.

2.2 Tipos de Pesquisa

A importância de conhecer os tipos de pesquisas existentes está na necessidade de definição dos instrumentos e procedimentos que um pesquisador precisa utilizar no planejamento da sua investigação. O tipo de pesquisa categoriza a pesquisa na sua forma metodológica de estratégias investigativas. Mas é preciso que o pesquisador saiba usar os instrumentos adequados para encontrar respostas ao problema que ele tenha levantado.

É na pesquisa que utilizaremos diferentes instrumentos para chegarmos a uma resposta mais precisa. O instrumento ideal deverá ser estipulado pelo pesquisador para se atingir os resultados ideais. Um

exemplo prático do cotidiano é: *ao se cavar um buraco na areia da praia, é preciso utilizar uma pá. Para fazer um buraco no cimento, é preciso utilizar uma picareta.* Nestes casos utilizam-se ferramentas ideais, apropriadas, que darão melhores resultados em relação ao objetivo estimado. Nisso reside a importância de definir o tipo de pesquisa, escolhendo, em decorrência, os instrumentos ideais ao desempenho ótimo.

Existem várias formas de classificar as pesquisas, a depender da natureza, da abordagem (assunto), do propósito (objetivo) e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (meio). As formas clássicas de pesquisa estão elencadas a seguir:

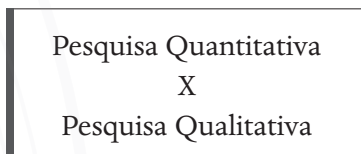
Do ponto de vista da natureza das pesquisas, estas podem ser:

- **Pesquisa Básica:** objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.
- **Pesquisa Aplicada:** objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, podem ser:

- **Pesquisa Qualitativa:** considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.
- **Pesquisa Quantitativa:** considera o que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e

informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão).



Segundo Martins & Bicudo (1989), a Ideia de Fato e Fenômeno resume-se a descrever:

a) a *Pesquisa “Quantitativa”* lida com fatos (→ tudo aquilo que pode se tornar objetivo através da observação sistemática; evento bem especificado, delimitado e mensurável);

b) a *Pesquisa “Qualitativa”* lida com fenômenos (→ [do grego *phainomenon*: aquilo que se mostra, que se manifesta] evento cujo sentido existe apenas num âmbito particular e subjetivo).

A questão Pesquisa Fenomênica x Factual também é assim exposta:

- **Factual:** prevê a mensuração de variáveis pré-determinadas, buscando verificar e explicar sua existência ou influência sobre outras variáveis. Busca uma regra, um princípio que reflita a uniformidade daquilo que é estudado. Centraliza sua busca em informações matematizáveis. Não se preocupa com exceções, mas sim com generalizações.
- **Fenomênica:** prevê a coleta de dados a partir de interações sociais e sua análise a partir da hermenêutica do pesquisador. Não possui condições de generalização e está fortemente associada ao conhecimento filosófico.

Do ponto de vista de seus objetivos, conforme aponta Gil (1991), podem ser:

- **Pesquisa Exploratória:** objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.
- **Pesquisa Descritiva:** visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.
- **Pesquisa Explicativa:** visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas. Quando realizada nas ciências naturais requer o uso do método experimental, e nas ciências sociais requer o uso do método observacional. Assume, em geral, as formas de Pesquisa Experimental e Pesquisa *Ex post facto*.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos (Gil, 1991), podem ser:

- **Pesquisa Bibliográfica:** quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, material disponibilizado na Internet.
- **Pesquisa Documental:** quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico.
- **Pesquisa Experimental:** quando se determina um objeto de estudo, selecionam-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.
- **Levantamento:** quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

- **Estudo de caso:** quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.
- **Pesquisa *Ex post facto*:** quando o “experimento” se realiza depois dos fatos.
- **Pesquisa-Ação:** quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.
- **Pesquisa Participante:** quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

2.3 Fases e etapas da pesquisa

O planejamento e a execução de uma pesquisa são parte de um processo sistematizado que compreende, em síntese, três fases de desenvolvimento: decisória, construtiva e redacional, que acabam por requerer procedimentos que acontecem em quatro etapas da pesquisa: escolha do tema e elaboração do projeto de pesquisa – o assunto, a justificativa, formulação do problema, determinação de objetivos, metodologia; coleta de material – revisão de literatura (leituras, fichamento de citações, resumos); coleta de dados, seleção e organização do material coletado – tabulação de dados, análise e discussão dos resultados, conclusão da análise; e redação final e divulgação – formatação (normas ABNT), apresentação.

- **Escolha do tema e elaboração do projeto da pesquisa** - escolher um tema é uma tarefa que “exige sempre um estudo exploratório muito sério, pois dela depende, em grande parte, o sucesso do trabalho” (D’ONOFRIO, 1999, p. 42).

Há que se considerar, em relação à escolha do tema, duas situações:

aquela em que o tema é proposto pelo professor, como geralmente acontece nos trabalhos acadêmicos, e aquela em que o pesquisador o escolhe livremente (seja para uma dissertação, que tem como objetivo servir como instrumento de avaliação de alguma disciplina, tese ou outro tipo de pesquisa). Deve-se considerar também que, mesmo que o tema seja proposto pelo professor, os detalhes de sua abordagem são de responsabilidade do pesquisador, o que vai exigir também um estudo exploratório para que este possa decidir qual caminho seguir entre os tantos possíveis. Escolhido o tema, passa-se à elaboração de um projeto ou outra produção científica.

- **Coleta de Material/Informações** - Nesta fase, buscam-se os instrumentos necessários para a consecução da pesquisa. Dependendo da natureza do trabalho, varia o tipo de material a ser procurado e estudado. As fontes principais, na maioria das vezes, são as bibliográficas: livros, revistas especializadas, jornais, internet, outros trabalhos acadêmicos, entre outros. No levantamento bibliográfico deve-se atentar, na leitura, para questões consideradas importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Se for algum material de propriedade do pesquisador, ele pode sublinhar e fazer observações ou outros tipos de destaque no próprio material. Para facilitar o trabalho e para as informações não se perderem, esses destaques devem ser passados depois para fichas. Se o material não pertencer ao pesquisador, ele deve se valer apenas do fichamento. Isso não quer dizer apenas utilizar aquelas fichas padronizadas que se encontram nas livrarias. Pode-se também utilizar papel comum. E, é claro, cada vez mais, esses dados vêm sendo armazenados em arquivos eletrônicos e magnéticos. Seja qual for o meio utilizado, o importante é conter todas as informações necessárias.

As fichas podem ser de diversos tipos. A ficha bibliográfica é aquela em que se anotam as referências bibliográficas do material utilizado. Se for material emprestado, é interessante anotar quem

emprestou; se for retirado de biblioteca, de qual foi e o número de registro. Pode ser feita também uma ficha de citação, em que se transcrevem trechos do material consultado, anotando-se a página em que se encontram na obra. Pode-se ainda fazer ficha de resumo, da obra inteira ou de trechos dela. Pode-se igualmente fazer ficha de esquema, onde se pode abordar a obra inteira ou trechos através da elaboração de esquemas. Dependendo do tipo de pesquisa, é nesta etapa que são elaborados e aplicados outros instrumentos de coleta de dados, como questionários, protocolos verbais, entrevistas. Os questionários podem ser abertos (questões dissertativas), fechados (questões objetivas) ou mistos (os dois tipos de questões no mesmo instrumento). Os protocolos verbais podem ser gravações, utilizando equipamentos tecnológicos. As entrevistas podem ser diretas ou indiretas.

- **Seleção e organização do material coletado** - coletado o material, é preciso analisá-lo, selecioná-lo e dividi-lo em tópicos, que constituirão as partes do trabalho. Feito isso, e após muita reflexão, pode-se organizar o plano definitivo do trabalho.
- **Redação final e divulgação** - Na redação final, o pesquisador deve levar em conta, além do tipo de linguagem utilizado, questões relativas à formatação, ao modo de apresentação de trabalhos científicos.

Quanto à divulgação dos trabalhos, isso pode variar de acordo com seus propósitos. Aqueles desenvolvidos como instrumento de avaliação para alguma disciplina acadêmica costumam restringir-se ao espaço de sala de aula. Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, além da defesa pública, passam a compor o acervo pelo menos da biblioteca da instituição em que foram desenvolvidos. Há trabalhos elaborados com a finalidade expressa de serem publicados, como os artigos, mas nada impede que outros tipos de trabalho, dependendo do interesse que despertarem, também o sejam. Essa publicação pode ser feita como trabalho sintetizado, em revistas especializadas, ou na íntegra, em livros, às vezes com algumas adaptações.

Contudo, muitos autores dividem o trabalho em etapas mais específicas, contidas nos quatro procedimentos acima referenciados. Estas são assim definidas: 1) escolha do tema; 2) revisão de literatura; 3) justificativa; 4) formulação do problema; 5) determinação de objetivos; 6) metodologia; 7) coleta de dados; 8) tabulação de dados; 9) análise e discussão dos resultados; 10) conclusão da análise dos resultados; 11) redação e apresentação.

Então, ao consultar fundamentos e orientações sobre o processo da pesquisa científica, deparamos com especificações terminológicas que podem diferenciar as fases e etapas de elaboração do plano de uma pesquisa, mas que em sua essência são equivalentes no processo.

3 A CIÊNCIA E O PESQUISADOR: atitudes dos cientistas

“Vamos pensar um pouco?”

A realização de um trabalho científico resulta de dedicação à pesquisa para obter respostas, qualquer que seja a finalidade ou uso prático, teórico ou futuro destas. Esta pesquisa se dará todo o tempo – antes, durante e depois do planejamento. Muitas vezes, a pesquisa é interrompida para novos direcionamentos, novo planejamento e nova ação.

É no conhecimento científico que o homem descansa sua busca por verdades. É nele ou por ele que alcança respostas, tem suas intuições e experimentações comprovadas. O conhecimento científico é aquele que tem natureza formal e obtém na experiência o seu conteúdo.

Kant (1998, p.20) descreve a relação necessária do teórico com o prático para o conhecimento científico quando afirma: “os conceitos sem as intuições são vazios, e as intuições sem os conceitos são cegas”. Esta afirmação reforça a ideia de que o racionalismo (razão) e o empirismo (intuitivo e experimental) juntos, passíveis de leis, teorias e sistemas, formam o conhecimento científico.

Desta forma, são atitudes a desenvolver por pesquisadores para o alcance do conhecimento científico, para o encontro de verdades: o empirismo, o determinismo probabilístico, a parcimônia e a manipulação científica.

I - Empirismo: A atitude empírica é aquela que afirma a necessidade de observar os fenômenos antes de chegarmos a qualquer conclusão sobre eles.

II - Determinismo Probabilístico: O universo é um lugar onde os fenômenos ocorrem em determinada ordem, obedecendo a um processo de causalidade. Nada acontece sem a presença de causas e condições anteriores.

III - Parcimônia: Em se tratando de especulações ou hipóteses, o cientista é frugal e avaro: nunca propõe uma explicação complexa ou abstrata a menos que explicações mais simples tenham sido demonstradas como falsas ou inadequadas.

IV - Manipulação Científica: O cientista não deve supor relações inexistentes ou imaginárias entre os fenômenos. Quando em dúvida, deve manipular a ocorrência de um evento enquanto observa o que acontece ao segundo.

As atitudes dos cientistas também lhe são definidas a partir de procedimentos próprios do trabalho científico. Estes acontecem sistematicamente de acordo com cada fase de desenvolvimento e etapas da pesquisa.

4 PRODUÇÕES CIENTÍFICAS E COMUNICAÇÃO o produto final das pesquisas

Toda pesquisa acadêmica intenta uma produção científica, isto é, toda pesquisa precisa ser registrada e divulgada. Este registro pode se valer de formatos variados, a começar pela escrita. A divulgação acon-

tece de uma forma, escrita, ou duas, escrita e oral, seguida ou não de publicações em literaturas ou periódicos do mundo acadêmico. Aqui vale ressaltar que estas produções para divulgação nos “portais” científicos precisam ser validadas, reconhecidas e aprovadas por uma instituição, ou seja, o pesquisador, autor do trabalho científico, precisa estar associado a uma unidade/pessoa jurídica – a sua universidade/faculdade, à organização para a qual presta serviços, além de ter orientação de um professor, com formação superior a sua, que seja da área ou linha de pesquisa adotada e possua a formação adequada para desenvolver o trabalho.

O trabalho, após estes trâmites e até a sua publicação, já é conhecido de muitos; houve todo um processo de leitura, análise e reescrita. Desta maneira, o estilo do texto, os dados, as referências, os conhecimentos oriundos da prática da pesquisa estão explícitos e implícitos na obra científica. É por isso que os “plágios” são reconhecidos, identificados e para quem os faz provocam o efeito contrário, tornando inconfiável tudo que este autor venha a produzir. De resto, plagiar é crime na maioria das legislações nacionais.

As pesquisas originam produções científicas diversas. Os principais textos científicos produzidos no ambiente acadêmico são as produções realizadas no cotidiano dos processos de estudos dos alunos em suas universidades/faculdades e os chamados TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

Por serem conduzidas por uma pluralidade de motivos e necessidades, as pesquisas podem ser apresentadas em uma gama de formatos de produções científicas. Na Figura 2, a seguir, é possível observar alguns dos principais tipos de produções científicas, que variam de acordo com o objetivo que se estimou, a finalidade proposta para as respostas da investigação e os resultados da pesquisa.

📌 Textos científicos

- 📌 Projeto de pesquisa;
- 📌 Relatório de pesquisa;
- 📌 Monografia;
- 📌 Dissertação;
- 📌 Tese;
- 📌 Resumo;
- 📌 Artigo científico;
- 📌 Resenha;
- 📌 Paper;
- 📌 Informe científico;
- 📌 Ensaio.

Profª Valéria Almeida insiteassessoria@ig.com.br
Pedagoga empresarial e do Ensino Superior

Figura 2 - Principais textos científicos produzidos no ambiente acadêmico.
Fonte: Almeida (2004)

Existem ainda obras que se caracterizam como produtos da comunicação oral. Exemplos destas são: seminários, palestras, conferências, comunicação em congressos. Cada um dos tipos de comunicação oral, no ambiente acadêmico, se vale das produções que se caracterizam como comunicação escrita.

Os tipos de textos científicos são apresentados aos alunos, de maneira mais enfática, no Ensino Superior. O projeto principia toda pesquisa científica, seja qual for a finalidade de produção textual. Assim, toda pesquisa e trabalho que segue uma sistematização, com certo rigor científico, realizado no curso superior, é produção científica. Daí a importância de valorizar e dedicar-se ao máximo a cada etapa, cada exercício de seu estudo.

Algumas dicas são de grande valia tanto para a produção escrita do trabalho científico quanto para a produção oral. Outras dicas são ainda mais importantes para o planejamento. Nesse sentido, cuidados, atenções, disciplina, dedicação, rigor científico, inovação, conhecimentos, específicos ou não, são imprescindíveis ao bom resultado e aos benefícios da obra na sua totalidade.

4.1 O “caminho das pedras” para a produção de textos científicos

Produzir cientificamente requer seguir orientações. Observá-las, guiar-se por algumas normatividades peculiares, muitas vezes não encontradas em manuais de produção do trabalho científico, é salutar.

Dentre algumas referências metodológicas de regras e normas textuais para a produção escrita, podemos citar alguns desafios, “pedrinhas”, para a realização de um trabalho com o “rigor das leis científicas”:

Siga em frente

- 1 - Seguir as regras gramaticais, guardando fidelidade à linguagem oficial.
- 2 - Verificar a terminologia aplicada ao tema.
- 3 - Evitar termos repetitivos enriquece o conteúdo e evita que o artigo se torne enfadonho, mas é um fator que não deve se sobrepor ao que é prioritário: a simplicidade e o objetivo.
- 4 - Ter em fácil acesso todo o material necessário para a elaboração do artigo, evitando interrupções que tiram a concentração.
- 5 - Elaborar rascunhos e fazer revisões antes da publicação.
- 6 - Ser fiel às origens (fontes) das citações garante a sustentação da idoneidade.
- 7 - Ter imparcialidade quando o tema sugerido (principalmente de natureza polêmica) implicar na análise ou constatação de diferenças culturais e sociais.
- 8 - Ser autêntico, pois as ideias dizem muito sobre o autor do trabalho.
- 9 - Utilizar períodos curtos e objetivos.
- 10 - Evitar expressões temporais inúteis ou imprecisas, tais como “atualmente”, “ano passado”. Para “atualmente” basta usar os verbos no tempo presente. Para “ano passado” utilizar “em ...(ano, século ou período histórico)”, pois o trabalho poderá ser lido no futuro.

Siga o caminho e desvie-se de...

- 1 - Frases longas (repletas de vírgulas ou não).
- 2 - Erros ortográficos.
- 3 - Tradução literal e embromação.
- 4 - Imagens/tabelas ilegíveis.

- 5 - Erros gramaticais (paralelismo, concordância, conjugação, crase).
- 6 - Cópia literal.
- 7 - Blablabla (encher linguiça).

Siga o caminho de seu destino...

Aluno de Graduação - Pelo menos uma publicação nacional relacionada com seu trabalho de diplomação. *Se você for bolsista de Iniciação Científica, será esperada uma ou mais publicações sobre seu trabalho de pesquisa.*

Aluno de Mestrado - Se você for bolsista CAPES/CNPq ou outro, espera-se que termine o mestrado com algumas publicações qualificadas, sendo pelo menos uma delas internacional, como resultado de sua dissertação.

Se for aluno em tempo parcial, sua dissertação deve gerar pelo menos uma publicação nacional.

Aluno de Doutorado - Neste caso, os critérios devem ser mais rigorosos. No doutorado espera-se que o aluno adquira capacidade de elaborar um trabalho independente e criativo. Esta capacidade deve ser *demonstrada pela criação de novo conhecimento, validado por publicações em bons veículos científicos ou pela obtenção de patentes.*

Esperam-se alguns artigos em bons *workshops* e congressos internacionais e um artigo em revista qualificada sobre o resultado da tese.

Quanto ao planejamento da pesquisa, é preciso caminhar sempre acompanhado de um tutor ou do orientador, que é co-autor do trabalho científico realizado por seu orientando. Nesse sentido, dicas são sempre bem-vindas. Procure ao máximo dialogar com seu orientador, pois esta relação precisa ser de companheirismo e construção conjunta, cada um em seu papel, que está implícito na denominação das funções: orientador, aquele que orienta, sugere, revisa o trabalho com o olhar de leitor e conhecedor do objeto a ser estudado; autor da pesquisa, aquele que traça as hipóteses, pensa e formata o problema, investiga, levanta e sistematiza dados, encontra respostas ou não, produz seu trabalho científico segundo o ímpeto próprio da descoberta, fundamentado em teoria e estudos já realizados, seguindo uma ordem metódica e científica, sob as orientações recebidas.

A nossa experiência indica que a simulação de algumas indagações e as possíveis respostas são conselheiras, sinalizando o sucesso do processo da construção do trabalho científico.

“E agora José?” Orientando: orientado ou (des)orientado?

- Quais são seus recursos, seus conhecimentos e suas habilidades?
- Quais são os recursos, os conhecimentos e as habilidades de seu orientador?
- Como selecionar o orientador? O que é mais importante para você?
- Quais são os requisitos, compromissos e direitos do orientando?
- Quais são os requisitos, compromissos e direitos do orientador?
- Preencha o formulário de aceitação ou desistência do aluno.
- Conheça o formulário de aceitação ou desistência do orientador.
- Quais as questões éticas da pesquisa e do trabalho acadêmico que precisam ser respeitadas?
- Existe um Comitê de Ética em Pesquisa na sua Faculdade, Universidade? Conheça-o, reconheça-o.
- Como funciona este Comitê?
- Como funciona a Comissão Nacional de Ética e Pesquisa – CONEP?

Lembre-se: o orientador precisa estar próximo do orientando. A linguagem precisa ser próxima. O conhecimento precisa ser superior ao do orientando. A disponibilidade precisa ser elástica. A empatia precisa existir e falar mais forte na hora dos conflitos. Aliás, conflitos não podem existir entre orientador e orientando.

5 O PROJETO DE PESQUISA

Projeto é um termo que deriva do verbo projetar, delinear um plano, ou vários planos; planejar; executar, incidir sobre algo. O Projeto de Pesquisa consiste neste planejamento para uma determinada pesquisa. É, portanto, um esquema de coletas, de mensuração e de análise de dados. Serve como um instrumento ao cientista, auxiliando-o na distribuição de seus recursos. Auxilia no estabelecimento de uma abordagem mais focalizada sobre um determinado problema, caminhando da definição do problema às metas gerais e específicas da

pesquisa. Indica os procedimentos metodológicos necessários para a consecução das metas propostas. Ele precede toda e qualquer produção científica final.

O Projeto de Pesquisa trará elementos para responder a questões fundamentais. O que pesquisar? Por que e para que se deseja a pesquisa? Como pesquisar? Com quais recursos? Em que período?

O ponto de partida para a elaboração e execução de um projeto é a definição do problema, que, para facilitar a identificação do horizonte de respostas, deve ser formulado como pergunta, ser claro, preciso e possível de ser respondido. Desta forma, aconselhamos a construção do projeto após a definição do problema da pesquisa, para que então seja definido o tema. Depois, segue a formulação das hipóteses, a definição dos objetivos, a justificativa, o fundamento teórico do assunto (precedido de leituras primárias, realizadas ainda quando das definições do problema e do tema), a metodologia, o cronograma, o orçamento do projeto, que são tópicos de elaboração de um projeto de pesquisa.

Os temas podem surgir da observação do cotidiano, da vida profissional, do contato e relacionamento com especialistas, do *feedback* de pesquisas já realizadas e do estudo de literatura especializada.

Por fim, resta observar que a estrutura material e as etapas para a elaboração de um projeto de pesquisa, que devem ser seguidas para que se obtenha êxito, são as mesmas para elaboração e ação de outros planos de trabalho científico: estudos preliminares; anteprojeto; projeto final; montagem e execução. Isto posto, vamos detalhar as etapas e conhecer as especificidades de cada uma delas.

5.1 Estrutura material do trabalho científico

Todo trabalho científico possui uma estrutura material que segue quase sempre um mesmo formato e atende às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. O formato que define a estrutura do trabalho também deve atender às orientações do manual de normas da Instituição Superior. Toda pesquisa tem seu registro escrito organizado em três divisões: pré-texto, texto e pós-texto, conforme apresentado no quadro a seguir.

ESTRUTURA MATERIAL DO TRABALHO CIENTÍFICO

1 PRÉ-TEXTO

- Capa
- Folha de rosto
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Epígrafe
- Listas (figuras, abreviaturas)
- Resumo
- Sumário

3 PÓS-TEXTO

- Referências
- Apêndices (citados no corpo do trabalho)
- Anexos (citados no corpo do trabalho)

2 TEXTO

- Introdução
 - Contextualização
 - O problema
 - Objetivos
 - Justificativas
- Referencial Teórico
 - Capítulos, ou partes...
- Metodologia
 - Área de estudo
 - Universo de estudo
 - Objeto de estudo
 - População e amostra
- Resultados (após desenvolvimento do projeto e aplicação da pesquisa, que dá origem a outra produção científica)

Existem variações quanto à ordem dos tópicos que fazem parte do Texto do trabalho científico, a depender da orientação da instituição ou do orientador. Por exemplo: *a metodologia está inserida no tópico de Introdução, subdividida ou como parte dissertativa do texto introdutório*. É preciso conferir com o orientador. Outra situação variante diz respeito ao tópico *Fundamentação Teórica, que pode receber outra denominação: Marco Teórico, Revisão de Literatura, Referencial Teórico ou outros*. Neste caso, é necessária uma distinção de conteúdo, pois quando o texto desenvolvido neste tópico leva o título “Revisão de Literatura”, o conteúdo deste texto, prioritariamente, deve abordar outros estudos já realizados sobre o assunto, ou seja, informações e dados que são oriundos de outras investigações, realizadas por outros pesquisadores. O “recheio dissertativo” aqui não corresponde à teoria. Quando isso acontecer, o tópico deixa de ser meramente “Revisão de Literatura” e passa a apresentar um fundamento desta ou daquela teoria.

Por exemplo, numa produção científica sobre economia de mercado, o objeto de estudo diz respeito ao problema do aumento do preço do pão, que está representado por uma questão de investigação: quais os principais fatores que contribuíram para o aumento do preço do pão?

As respostas a esta pergunta podem variar de estado para estado, localidade para localidade. Para representar a variedade de possibilidades de respostas, o pesquisador valer-se-á de outros estudos, apresentados em outras pesquisas, registrando uma “Revisão de Literatura”. Mas, ao utilizar uma das teorias da Economia que respalda a dinâmica de preço no mercado (Teoria da Oferta e da Procura, teoria de preços, teoria de consumo, que revelam os principais e possíveis motivos de escolha, ou a da restrição orçamentária, entre outras), deverá o pesquisador titular este capítulo como Referencial teórico, Marco teórico.

Abaixo apresentamos uma sinopse dos tópicos e subtópicos que compõe a parte denominada “texto” de um trabalho científico. Baseamo-nos no modelo de projeto que é elaborado antes da efetivação da pesquisa. No caso da pesquisa já realizada, os tópicos “Cronograma” e “Orçamento” dão lugar ao tópico Resultados. Veja as conceituações dos tópicos apresentados como parte do que compõe o *texto* e tire suas dúvidas exercitando na atividade-desafio apresentada logo a seguir.

SINOPSE PARA ELABORAÇÃO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

1 INTRODUÇÃO (O que é?) - ao que se refere a pesquisa.

1.1 Contextualização (Onde?) - deve apresentar o assunto, demonstrando que este faz parte do contexto vivenciado pelas pessoas.

1.2 O problema (O que incomoda? O que pretende descobrir?) - deve ser dissertado, encerrando com uma ou algumas questões que busquem responder por que e para que da intervenção.

1.3 Justificativa (Por quê?) – deve, com riqueza de detalhes, apresentar o motivo que impulsionou a realização do Projeto e definir a importância de tratar e intervir sobre o assunto abordado na pesquisa.

1.4 Os objetivos (Para quê?) – deve descrever ações que se pretende alcançar. Ficar atento aos verbos que devem ser utilizados para a elaboração dos objetivos gerais e para os objetivos específicos.

1.5) As hipóteses (se... probabilidades) – são respostas afirmativas ou negativas, que provavelmente serão respondidas após os resultados da aplicação do projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO (Quem já falou e pode comprovar a respeito?) - refere-se ao estudo teórico, à abordagem dos autores ou órgãos e instituições sobre o assunto. Para a escrita e entendimento (leitura), facilita a compreensão se for dividido em tópicos. Neste caso, divida em no máximo dois tópicos.

3 METODOLOGIA

3.1 Área e universo de estudo (espaço geográfico, territorial... o todo) - **Universo** (local em que será aplicado o trabalho de intervenção, com identificação e características).

3.2 Fontes de coleta de dados.

3.3 População e amostra, ou sujeitos da pesquisa (pessoas envolvidas, entrevistados, investigados).

3.4 Tipo e métodos da pesquisa.

3.5 Procedimentos e técnicas da pesquisa (como fazer).

3.6 Variáveis (quais fatores podem levar a pesquisa para esse ou àquele resultado? O que pode variar as hipóteses da pesquisa)

4 CRONOGRAMA

5 ORÇAMENTO

6 REFERÊNCIAS

Agora é sua vez. Pense numa situação-problema que respalde necessidade de pesquisa. Pode ser a partir de uma manchete, um problema do seu cotidiano profissional ou pessoal; ou a partir de uma curiosidade, algo que você possa identificar um questionamento, uma indagação. Feito isso, comece a preencher a sinopse a seguir, pesquise e pense em que tipo de produção científica pode a pesquisa ser transformada. Consulte o modelo de sinopse que apresentamos anteriormente. Verifique as conceituações do modelo e siga passo a passo no seu exercício. Sucesso!

**SINOPSE PARA ELABORAÇÃO DE PRODUÇÕES
CIENTÍFICAS**

Tema (para subsidiar na delimitação do título)

Título (deve ao máximo explicar o que contém o Projeto e irá subsidiar a Introdução)

1 INTRODUÇÃO (O que é?)

1.1 Apresentação

1.2 Justificativa

1.3 O problema

1.4 Os objetivos

Geral:

Específicos:

1.5 As hipóteses (se... probabilidades)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

3 METODOLOGIA

3.1 Área , universo e sujeitos da pesquisa

3.2 Tipos de pesquisa e métodos

3.3 Técnicas / Procedimentos

dedicado às atividades cotidianas, estabelecendo assim o limite das capacidades do pesquisador em relação ao tema pretendido. É preciso também que o pesquisador tenha consciência de sua limitação de conhecimentos para não entrar em um assunto fora de sua área. Se a área em foco é a de ciências humanas, deve o pesquisador ater-se aos temas relacionados a esta área.

5.2.1.2 - Fatores Externos - a significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais

Na escolha do tema deve-se tomar cuidado para não executar um trabalho que não interessará a ninguém. O trabalho merece ser feito se tiver uma importância qualquer para pessoas, grupos de pessoas ou para a sociedade em geral.

Outro fato a ser levado em consideração é o limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho. Quando a instituição determina um prazo para a entrega do relatório final da pesquisa, não se deve enveredar por assuntos que, devidamente explorados, forcem este prazo. O tema escolhido deve estar delimitado dentro do tempo possível para a conclusão do trabalho.

Ainda sobre a escolha do tema, é preciso, previamente, verificar a disponibilidade de material para consulta. Por vezes, o tema escolhido é pouco trabalhado por outros autores e não há fontes secundárias para consulta. A falta dessas obriga o pesquisador a buscar fontes primárias, que demandam grande disponibilidade de tempo. Esse problema não impede a realização da pesquisa, mas deve ser levado em consideração para que o tempo institucional não seja excedido.

5.2.2 Levantamento ou Revisão de Literatura

O Levantamento de Literatura é a localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa. Este levantamento é realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes. Sampieri, Colado e Lucio (2006) enfatizam esta etapa do trabalho científico como sendo o marco teórico, a construção de uma perspectiva teórica. É neste

capítulo do trabalho que pode se efetivar o modo de contextualizar o problema de pesquisa científica elaborado. É marco porque aqui são definidos o conceito de teoria e outros conceitos relacionados com a elaboração de teorias, que, por sua vez, estão relacionados com os enfoques qualitativos e quantitativos da pesquisa.

Listamos a seguir algumas sugestões para o levantamento de literatura:

- **Locais de coletas** - Determine com antecedência quais bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.
- **Registro de documentos** - Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de fotocópias, fotografias ou outro meio qualquer.
- **Organização** - Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa. O levantamento de literatura pode ser determinado em dois níveis: a - nível geral do tema a ser tratado - relação de todas as obras ou documentos sobre o assunto; b - específico a ser tratado - relação somente das obras ou documentos que contenham dados referentes à especificidade do tema a ser tratado.

CITAÇÃO

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2001, p.1), citação é a “menção no texto de uma informação extraída de outra fonte”. Pode ser uma citação direta, citação indireta ou citação de citação, de fonte escrita ou oral. A NBR10520:2001 define os parâmetros para a apresentação de citações em documentos. As citações em trabalho escrito são feitas para apoiar uma hipótese, sustentar uma ideia ou ilustrar um raciocínio por meio de menções de trechos citados na bibliografia consultada.

Tipos de Citação:

- **Citação direta** - É quando transcrevemos o texto utilizando as próprias palavras do autor. A transcrição literal virá entre “aspas”.

Exemplo:

Segundo Vieira (1998, p.5) o valor da informação está “diretamente ligado à maneira como ela ajuda os tomadores de decisões a atingirem as metas da organização”.

- **Citação indireta** - É a reprodução de ideias do autor. É uma citação livre, usando as próprias palavras para dizer o mesmo que o autor

disse no texto. Contudo, a ideia expressa continua sendo de autoria do autor que você consultou, por isso é necessário citar a fonte, dar crédito ao autor da ideia.

Exemplo:

O valor da informação está relacionado com o poder de ajuda aos tomadores de decisões a atingirem os objetivos da empresa (VIEIRA, 1998).

- **Citação de citação** - É a menção de um documento ao qual você não teve acesso, mas tomou conhecimento por citação em outro trabalho. Usamos a expressão latina apud (“citado por”) para indicar a obra de onde foi retirada a citação. Sobrenome(s) do(s) Autor(es) Original(is) (apud Sobrenome(s) do(s) Autor(es) da obra de que retiramos a citação, ano de publicação da qual retiramos a citação). É uma citação indireta.

Exemplo:

Porter (apud CARVALHO e SOUZA, 1999, p.74) considera que “a vantagem competitiva surge fundamentalmente do valor que uma empresa consegue criar para seus compradores e que ultrapassa o custo de fabricação pelas empresas”.

- **Apresentação das citações no texto** - Até três linhas: aparece fazendo parte normalmente do texto.

Exemplo:

Porter (apud CARVALHO e SOUZA, 1999, p.74) considera que “a vantagem competitiva surge fundamentalmente do valor que uma empresa consegue criar para seus compradores e que ultrapassa o custo de fabricação pelas empresas”.

- Mais de três linhas: recuo de 4 cm para todas as linhas, a partir da margem esquerda, com letra menor (fonte 10) que a do texto utilizado e sem aspas.

Exemplo:

Drucker (1997, p.xvi) chama a nova sociedade de sociedade capitalista. “Nesta nova sociedade, o recurso econômico básico – ‘os meios de produção’, para usar uma expressão dos economistas – não é mais o capital, nem os recursos naturais (a ‘terra dos economistas’), nem a ‘mão-de-obra’. Ele será o conhecimento. As atividades centrais de criação de riqueza não serão nem a alocação de capital para usos produtivos, nem a ‘mão-de-obra’ – os dois pólos da teoria econômica dos séculos dezenove e vinte, quer ela seja clássica,

marxista, keynesiana ou neoclássica. Hoje o valor é criado pela 'produtividade' e pela 'inovação', que são aplicações do conhecimento ao trabalho. Os principais grupos sociais da sociedade do conhecimento serão os 'trabalhadores do conhecimento' – executivos que sabem como alocar conhecimento para usos produtivos...”

5.2.3 Problema

O problema é a mola propulsora de todo o trabalho de pesquisa. Depois de definido o tema, levanta-se uma questão para ser respondida através de uma hipótese, que será confirmada ou negada através do trabalho de pesquisa. Veja a seguir algumas observações e orientações que sustentam o planejamento e a prática da pesquisa. Desta forma, com base em Gil (2001), podemos refletir elencando situações que precisam ser contemplados.

Em geral, um bom problema de pesquisa atende a cinco características:

- Deve ser formulado como uma pergunta.
- Deve ser claro e preciso.
- Deve ser empírico.
- Deve ser suscetível de solução.
- Deve ser limitado a uma dimensão viável.

O problema de pesquisa deve ser formulado como uma pergunta

- Maneira simples e direta de formulação.
- Facilita a identificação do problema.
- O tema não é o problema

O problema de pesquisa deve ser claro e preciso

- Se a formulação for vaga ou imprecisa, como pode ser resolvido?
- Não deve conter termos com definição incerta ou ambígua.
- Complemento: definição operacional.
- Indica como o fenômeno é medido.

O problema de pesquisa deve ser empírico

- Problemas de pesquisa não devem se referir a valores morais.

- Não devem conduzir a considerações subjetivas ou julgamentos morais.
- Problemas sobre “melhor/pior”, “bom/mau”, devem ser reformulados.
- Referências a fatos empíricos e não a percepções pessoais.

O problema de pesquisa deve ter um horizonte de solução

- Deve-se ter alguma ideia de como o problema proposto poderá ser resolvido.
- Não adianta propor um tema bem formulado se não houver como coletar dados que levem a (ou demonstrem) sua solução.
- Requer domínio da tecnologia adequada a sua solução.

O problema de pesquisa deve ser delimitado

- Quanto tempo será necessário para coletar as informações que levem à solução do problema?
- A delimitação do escopo permite trabalhar de maneira focada, obtendo dados relevantes dentro do tempo delimitado para a execução da pesquisa.

E depois?

- O pesquisador deverá oferecer uma solução possível para o problema proposto.
- O pesquisador deverá coletar dados e analisá-los.
- Confirmação da hipótese: problema solucionado.
- Se os dados não levarem a conclusões precisas: problema não foi solucionado.

Dicas

- Início da pesquisa requer definição de um problema.
- Definição de um bom problema de pesquisa requer conhecimento sobre o tema que está sendo tratado.
- Não é tarefa trivial.
- Essencial para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa.
- Problema que não for bem formulado pode tornar a pesquisa inviável.

Exemplo:

Tema: A educação da mulher: a perpetuação da injustiça.

Problema: A mulher é tratada com submissão pela socie-

dade. Aqui você inicia o levantamento de dados, dados secundários. Neste momento você passa a utilizar a técnica do fichamento, que tem variações de formatos e tipos, conforme você verificará no capítulo que trata dos instrumentos de pesquisa.

5.2.4 Hipótese

Hipótese é sinônimo de suposição. Neste sentido, hipótese é uma afirmação categórica (uma suposição) que tente responder ao problema levantado no tema escolhido para pesquisa. O trabalho de pesquisa, então, irá confirmar ou negar a hipótese (ou suposição) levantada.

Exemplo:

Em relação ao problema definido acima - Hipótese: a sociedade patriarcal, representada pela força masculina, exclui as mulheres dos processos decisórios.

5.2.5 Justificativa

A justificativa, num projeto de pesquisa, como o próprio nome indica, é o convencimento de que o trabalho de pesquisa possui fundamentos para ser efetivado. A comprovação do tema escolhido pelo pesquisador e a hipótese levantada são de suma importância para a sociedade ou para alguns indivíduos. Deve-se tomar o cuidado, na elaboração da justificativa, de não se tentar justificar a hipótese levantada, ou seja, tentar responder ou concluir o que vai ser buscado no trabalho de pesquisa. A justificativa exalta a importância do tema a ser estudado e justifica a necessidade imperiosa de se levar a efeito tal empreendimento.

5.2.6 Objetivos

A definição dos objetivos determina o que o pesquisador quer atingir com a realização do trabalho de pesquisa. Objetivo é sinônimo de meta, fim. Os objetivos podem ser separados em Objetivos Gerais e Objetivos Específicos.

Os enunciados dos objetivos devem começar com um verbo no infinitivo e este verbo deve indicar uma ação passível de mensuração. Como exemplos de verbos usados na formulação dos objetivos, pode-se citar:

- determinar estágio cognitivo de conhecimento: os verbos apontar, arrolar, definir, enunciar, inscrever, registrar, relatar, repetir, sublinhar e nomear;
- determinar estágio cognitivo de compreensão: os verbos descrever, discutir, esclarecer, examinar, explicar, expressar, identificar, localizar, traduzir e transcrever;
- determinar estágio cognitivo de aplicação: os verbos aplicar, demonstrar, empregar, ilustrar, interpretar, inventariar, manipular, praticar, traçar e usar;
- determinar estágio cognitivo de análise: os verbos analisar, classificar, comparar, constatar, criticar, debater, diferenciar, distinguir, examinar, provar, investigar e experimentar;
- determinar estágio cognitivo de síntese: os verbos articular, compor, constituir, coordenar, reunir, organizar e esquematizar;
- determinar estágio cognitivo de avaliação: os verbos apreciar, avaliar, eliminar, escolher, estimar, julgar, preferir, selecionar, validar e valorizar.

5.2.7 Metodologia

O caminho e os passos a seguir no decorrer do projeto representarão a metodologia do mesmo, que deve apresentar as técnicas que serão utilizadas para a coleta e análise dos dados (entrevistas, questionamentos, testes, técnicas de agrupamento de dados, elaboração de tabelas, descrição e codificação). Os objetivos da pesquisa e as hipóteses a comprovar devem ser levados em conta para a definição da metodologia.

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de

pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

A metodologia é composta de partes que descrevem o local, os sujeitos, o objeto de estudo, os métodos e técnicas, que muitas vezes estão descritos como procedimentos da pesquisa, as limitações da pesquisa, o tratamento de dados, conforme descrito na sinopse apresentada anteriormente.

5.3 Instrumentos de pesquisa

5.3.1 Fichamentos

O Fichamento é uma parte importante na organização para a efetivação da pesquisa de documentos. Ele permite um fácil acesso aos dados fundamentais para a conclusão do trabalho.

Os registros e a organização das fichas dependerão da capacidade de organização de cada um. Os registros não são feitos necessariamente nas tradicionais folhas pequenas de cartolina pautada. Podem ser feitos em folhas de papel comum ou, mais modernamente, em qualquer programa de banco de dados de um computador. O importante é que eles estejam bem organizados e de acesso fácil para que os dados não se percam. Existem três tipos básicos de fichamentos: bibliográfico, resumo ou conteúdo, e citações.

Ficha Bibliográfica é a descrição, com comentários, dos tópicos abordados em uma obra inteira ou parte dela.

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça (1)

Histórico do Papel da Mulher na Sociedade (2)

..... (3)

2. (4)

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.**

São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p. (Tudo é História, 145)

Inserese no campo do estudo da História e da Antropologia Social. A autora faz uso de fontes secundárias, colhidas através de livros, revistas e depoimentos. A abordagem é descritiva e analítica. Aborda os aspectos históricos da condição feminina no Brasil a partir do ano 1500 de nossa era. Além da evolução histórica da condição feminina, a autora desenvolve alguns tópicos específicos da luta das mulheres pela condição cidadã. Conclui fazendo uma análise de cada etapa da evolução histórica feminina, deixando expressa sua contraposição ao movimento pós-feminista, principalmente às ideias de Camile Paglia. No final da obra faz algumas indicações de leituras sobre o tema Mulher. (5)

Observação: neste e em outros exemplos de Fichas, os números entre parênteses representam o que está explicado abaixo:

- (1) - Título do trabalho (conforme expresso no item 6.6).
- (2) - Seção primária do trabalho (conforme expresso no item 6.6).
- (3) - Seção secundária e terciária do trabalho (se houver e conforme expresso no item 6.6).
- (4) - Numeração do item a que se refere o fichamento (conforme expresso no item 6.6).
- (5) - Comentários ou anotações do pesquisador sobre a obra registrada.

Ficha de Resumo ou Conteúdo: é uma síntese das principais ideias contidas na obra. O pesquisador elabora esta síntese com suas próprias palavras, não sendo necessário seguir a estrutura da obra.

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça
Histórico do Papel da Mulher na Sociedade
.....

2.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p. (Tudo é História, 145).

O trabalho da autora baseia-se em análise de textos e na sua própria vivência nos movimentos feministas, como relato de uma prática.

A autora divide seu texto em fases históricas, quais sejam Brasil Colônia (1500-1822), Império (1822-1889), República (1889-1930), Segunda República (1930-1964), Terceira República e o Golpe (1964-1985), com especial atenção, neste último período, aos anos de 1968 e 1975, respectivamente marcados pelas revoltas estudantis e pelo Ano Internacional da Mulher, além de analisar a influência externa nos movimentos feministas do Brasil. Em cada um desses períodos são lembrados os nomes das mulheres que mais se sobressaíram e suas atuações nas lutas pela libertação da mulher. A autora trabalha ainda assuntos como o cotidiano das mulheres da periferia de São Paulo, a participação das mulheres na luta armada, a luta por creches, a violência, a participação das mulheres na vida sindical e nas greves, o trabalho rural, a saúde, a sexualidade e os encontros feministas. Depois de suas conclusões, onde, entre outros assuntos, faz uma crítica ao pós-feminismo defendido por *Camile Paglia*, indica alguns livros para leitura.

Observação: Existem dois tipos de resumos:

a) **Informativo:** são as informações específicas contidas no documento. Nesta ficha pode-se relatar sobre objetivos, métodos, resultados e conclusões. Sua precisão pode substituir a leitura do documento original.

b) **Indicativo:** são descrições gerais do documento, sem entrar em detalhes da obra analisada (o exemplo acima se refere a um resumo indicativo).

Ficha de Citações: é a reprodução fiel das frases que se pretende usar como citação na redação do trabalho.

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça
Histórico do Papel da Mulher na Sociedade
.....

2.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p. (Tudo é História, 145).

“Uma das primeiras feministas do Brasil, Nísia Floresta Brasileira Augusta defendeu a abolição da escravatura, ao lado de propostas como a educação

e a emancipação da mulher, e a instauração da República” (p. 30).

“Sou neta, sobrinha e irmã de general” (...) “Aqui nesta casa foi fundada a Camde – Campanha da Mulher pela Democracia. Meu irmão, Antônio Mendonça Molina, vinha trabalhando há muito tempo no Serviço Secreto do Exército contra os comunistas. Nesse dia, 12 de junho de 1962, eu tinha reunido aqui alguns vizinhos, 22 famílias ao todo. Era parte de um trabalho meu para a paróquia Nossa Senhora da Paz. Nesse dia o vigário disse assim: ‘Mas a coisa está preta. Isso tudo não adianta nada porque a coisa está muito ruim e eu acho que se as mulheres não se meterem, nós estaremos perdidos. A mulher deve ser obediente. Ela é intuitiva, enquanto o homem é objetivo.’” (Amélia Molina Bastos apud Teles, p. 54)

“Na Justiça brasileira, é comum os assassinos de mulheres serem absolvidos sob a alegação de defesa de honra.” (p. 132).

5.3.2 Internet

A *Internet* representa uma novidade nos meios de pesquisa. Trata-se de uma rede mundial de comunicação via computador onde as informações são trocadas livremente entre todos. Sem dúvida, a *Internet* representa uma revolução no que concerne à troca de informação. A partir dela, todos podem informar a todos. Mas se ela pode facilitar a busca e a coleta de dados, ao mesmo tempo oferece alguns perigos. Na verdade, grande parte das informações passadas por essa rede não têm critérios de manutenção de qualidade da informação.

Explicando melhor: qualquer um pode colocar sua “*home page*” (página) na rede. Vamos supor que um indivíduo coloque uma página na “*net*” (rede) com o objetivo de discorrer sobre História do Brasil. Tal indivíduo pode perfeitamente, sem que ninguém o impeça, dizer que o Brasil foi descoberto “*por Diogo da Silva, no ano de 1325*”. Sendo assim, devemos levar em conta que toda e qualquer informação colhida na *Internet* deverá ser confirmada antes de divulgada.

A *Internet* não chega a ser uma técnica de pesquisa. É um recurso, uma ferramenta para coleta de dados, com a qual podemos levantar dados. Necessário é o cuidado com a fidedignidade da fonte. Para trabalhos científicos é preciso utilizar sites especializados, oficiais e com comprovação acadêmico-científica.

5.3.3 Questionário

O Questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. A confecção é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o interrogado compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que se faça necessário por conta de características de linguagem de grupo (grupo de surfistas, por exemplo).

Todo questionário deve passar por uma etapa de pré-teste, num universo reduzido, para que se possam corrigir eventuais erros de formulação. Ao questionário deve preceder a carta de explicação ou de autorização da pesquisa, que precisa fazer referência ao seu conteúdo, as instruções para efetivação da investigação através do questionário, o pedido de autorização e o agradecimento pela atenção, disponibilidade e veracidade das informações prestadas.

Nesse sentido, acompanhando o questionário deve seguir a Carta Explicação, com proposta da pesquisa, instruções para preenchimento, instruções para devolução, incentivo para o preenchimento e agradecimento. No questionário devem constar itens de identificação do respondente que, preferencialmente, para que as respostas possam ter maior significação, não o identifiquem diretamente com perguntas do tipo “nome”, “endereço”, “telefone”, a não ser que haja extrema necessidade, como para selecionar alguns questionários para uma posterior entrevista. Quanto às questões a serem pesquisadas, estas precisam contemplar hipóteses de veracidade. Assim, precisam ser bem formuladas e claras. Por isso é interessante (dependendo da intencionalidade) que o questionário apresente questões diretas e indiretas, fechadas e abertas, objetivas e subjetivas, que permitam respostas por alternativas a escolher e respostas descritivas.

5.3.4 Formulário

Formulário é um instrumento com campos pré-impessos, nos quais são preenchidos dados e informações levantados na pesquisa, o que permite a formalização das comunicações e o registro destes dados (CURY, 2005).

Segundo Oliveira (2005), os formulários podem ser: planos – campos desenhados e pré-impressos em papel padronizado, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); contínuos - também elaborados em papel, mas destinados ao preenchimento por impressoras de computador, em grande escala. O desenho desses formulários é feito em gabaritos de espaçamento que permitem a impressão de acordo com as características e necessidades do computador e da respectiva impressora; ou eletrônicos - são os elaborados por softwares aplicativos, que tramitam na organização por meio das redes de computador, dispensando a utilização de papel. Esse tipo de formulário pode ser utilizado em pesquisas que usam dos recursos da Internet, disponibilizados em sites, enviados por e-mails.

Nesse sentido, podemos afirmar que o formato científico do formulário difere do questionário pela delimitação e padronização de questões, ou itens alternativos padronizados.

Veja a seguir algumas referências que podem compor um formulário.

Formulário de itens sim-não, certo-errado e verdadeiro-falso.

Ex.: Trabalha? () Sim () Não

Respostas livres, abertas ou curtas.

Ex.: Bairro onde mora: _____

Formulário de múltipla escolha.

Ex.: Renda Familiar:

() Menos de 1 salário mínimo

() 1 a 3 salários mínimos

() 4 a 6 salários mínimos

() 7 a 11 salários mínimos

() Mais de 11 salários mínimos

Questões mistas.

Ex.: Quem financia seus estudos?

() Pai ou mãe

() Outro parente

() Outra pessoa

() O próprio aluno

Outro: _____

5.4 Técnicas para coleta de dados

Os documentos terão fontes primárias ou secundárias de pesquisa.

As fontes primárias são os documentos que gerarão análises para posterior criação de informações. Podem ser decretos oficiais, fotografias, cartas, artigos. As fontes secundárias são as obras nas quais as informações já foram elaboradas, como livros, apostilas, teses e monografias. Nesse sentido, existem procedimentos necessários para a organização do levantamento de dados. Observe logo a seguir.

Locais de coletas

- – Determine com antecedência quais bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.

Registro de documentos

- – Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de fotocópias, fotografias ou outro meio qualquer.

Organização

- Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa.

A questão básica da amostra

- Saber QUANTAS e QUAIS pessoas entrevistar.

Conceitos Preliminares

- Universo ou População: todos os indivíduos do campo de interesse da pesquisa, ou seja, o fenômeno observado. Sobre ela se pretende tirar conclusões. Fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, uma população pode ser definida como o conjunto de alunos matriculados no curso de Administração da FAMESC, por exemplo.

- Amostra: a parte da população que é tomada como objeto de investigação da pesquisa. É o subconjunto da população.

A amostra pode ser probabilística e não-probabilística.

Amostras não-probabilísticas podem ser:

- – amostras acidentais: compostas por acaso, com pessoas que vão aparecendo;
- – amostras por quotas: diversos elementos constantes da população/universo, na mesma proporção;
- – amostras intencionais: escolhidos casos para a amostra que representem o “bom julgamento” da população/universo.

Amostras probabilísticas são compostas por sorteio e podem ser:

- – amostras casuais simples: cada elemento da população tem oportunidade igual de ser incluído na amostra;
- – amostras casuais estratificadas: cada estrato, definido previamente, estará representado na amostra;
- – amostras por agrupamento: reunião de amostras representativas de uma população.

Objetivo e critério maior da amostragem

Maximizar a REPRESENTATIVIDADE, ou seja, tornar a amostra o mais significativa possível.

Dois critérios para maximizar a representatividade

- - Intencionalidade: o pesquisador intervém na escolha dos indivíduos por razões ligadas aos objetivos da pesquisa.
- - Aleatoriedade: quando não há razões ligadas aos objetivos da pesquisa.

Fatores que determinam o tamanho da amostra

Amplitude do universo

- Os universos de pesquisa podem ser *finitos* ou *infinitos*. Concionou-se que os *finitos* são aqueles cujo número de elementos não excede a 100.000. Universos *infinitos*, por sua vez, são aqueles que apresentam elementos em número superior a esse. Tal distinção influencia na fórmula da amostra.

5.4.1 Observação

Na observação, são aplicados atentamente os sentidos a um objeto, a fim de que se possa, a partir dele, adquirir um conhecimento claro e preciso. A observação deve ser exata, completa, imparcial, sucessiva e metódica.

Considerando a estruturação, a observação científica pode ser assistemática ou sistemática. A observação assistemática, também chamada observação não estruturada, é aquela sem controle elaborado anteriormente e desprovida de instrumental apropriado. Nas ciências humanas, muitas vezes, torna-se a única oportunidade para o estudo de certos fenômenos. A observação sistemática, também denominada observação planejada ou controlada, é estruturada e realizada em condições controladas, de acordo com objetivos e propósitos previamente definidos. Vale-se, em geral, de um instrumento adequado a sua efetivação, indicando e delimitando a área a ser observada e requerendo um planejamento prévio para ser desenvolvida.

Levando-se em conta o critério de participação do observador, a observação pode ser não participante ou participante. A observação não participante é aquela em que o observador permanece fora da realidade a ser estudada. Seu papel é de espectador, não interferindo ou se envolvendo na situação. Na observação participante, o pesquisador participa da situação que está estudando, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição dele, que se incorpora ao grupo ou à comunidade pesquisados, de modo natural (quando já é elemento do grupo) ou artificialmente.

Levando-se em consideração o número de observadores, se a observação é feita por apenas um pesquisador, é chamada de individual. Se mais pesquisadores estiverem envolvidos, diz-se que é uma observação em equipe.

Se a observação é feita no local de ocorrência do evento, é denominada observação em campo. Se as situações-problema (objeto de estudo) podem ser criadas artificialmente em laboratório, a fim de que se possa observar a situação da variável experimental, tem-se a observação em laboratório.

Conhecimento prévio do que observar

Antes de iniciar o processo de observação, procure examinar o local.

Determine que tipo de fenômeno merece registro.

Planejamento de um método de registro

Crie, com antecedência, uma espécie de lista ou mapa de registro de fenômenos. Procure estipular algumas categorias dignas de observação.

Fenômenos não esperados

Esteja preparado para o registro de fenômenos que surjam durante a observação não esperados no seu planejamento.

Registro fotográfico ou vídeo

Para realizar registros iconográficos (fotografias, filmes, vídeos etc.), caso indivíduos ou grupos de pessoas sejam seu objeto de observação, prepare-os para tal ação. Eles não devem ser pegos de surpresa.

Relatório

Procure fazer um relatório o mais cedo possível.

5.4.2 Entrevista

A entrevista é uma das técnicas utilizadas na coleta de dados primários. Para que a entrevista se efetive com sucesso é necessário ter um plano para a entrevista, de forma que as informações necessárias não deixem de ser colhidas. As entrevistas podem ter caráter exploratório ou serem de coleta de informações. Se forem de caráter exploratório, serão permitidas eventuais indagações ou levantamento de dados e informações que não estejam contempladas no formulário; as de coleta de informações são altamente estruturadas, devendo seguir um roteiro previamente estabelecido e darem conta de respostas-núcleo do objeto de investigação, preferencialmente elaboradas com itens e questões fechadas, com múltiplas escolhas.

A entrevista pode ser do tipo direto ou indireto. A entrevista direta é aquela em que o entrevistador se posiciona frente ao entrevistado; ela é presencial: o entrevistador indaga e o entrevistado responde. A entrevista indireta é aquela em que o entrevistador utiliza recursos remotos para obter respostas às indagações; neste caso o entrevistado pode realizar a entrevista por telefone, pela internet ou utilizar outras tecnologias.

Algumas dicas, se seguidas, podem contribuir significativamente para o sucesso da entrevista. A seguir têm-se algumas sugestões que deverão ser consideradas no planejamento de uma entrevista.

Quem deve ser entrevistado

- Procure selecionar pessoas que realmente têm o conhecimento necessário para satisfazer suas necessidades de informação.

Plano da entrevista e questões a serem perguntadas

- Prepare com antecedência as perguntas ao entrevistado e a ordem em que elas devem acontecer.

Pré-teste

- Procure realizar uma entrevista com alguém que poderá fazer uma crítica de sua postura antes de se encontrar com o entrevistado de sua escolha.

Diante do entrevistado

- Estabeleça uma relação amistosa e não trave um debate de ideias.
- Não demonstre insegurança ou admiração excessiva diante do entrevistado, pois isto pode prejudicar a relação entre entrevistador e entrevistado.
- Deixe que as questões surjam naturalmente, evitando que a entrevista assuma um caráter de inquisição ou de interrogatório policial, ou ainda que a entrevista se torne um “questionário oral”.
- Seja objetivo, pois entrevistas muito longas podem se tornar cansativas para o entrevistado.
- Procure encorajar o entrevistado durante as respostas, evitando que ele se sinta falando sozinho.
- Escreva as informações do entrevistado tão logo ele inicie a resposta, para, ao final desta, não deixar que ele fique esperando muito por sua próxima indagação.
- Caso use gravador, não deixe de pedir a permissão do entrevistado para tal. Lembramos que o uso do gravador pode inibi-lo.

Relatório

- Mesmo tendo gravado, procure fazer um relatório o mais cedo possível.

6 OS MÉTODOS CIENTÍFICOS

Como tornar científico? Como obter respostas? Como chegar lá? Parecem familiares essas perguntas? Quem nunca as fez? Almeida (2004) aborda tais reflexões e busca respostas mais próximas ao cotidiano, recorrendo ao imaginário mundo infantil, ao resgatar uma das conhecidas histórias dos clássicos infantis: “*ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*”. Lembra? Pois sim, vamos rever a leitura de um dos trechos da dramatização do filme da Walt Disney:

- Que caminho devo seguir? (Pergunta Alice).
- Depende aonde você quer chegar (é a resposta obtida).

Esse é o grande segredo de entender o que vem a ser método, escolher e executar através de técnicas. Galliano (1979, p.6) conceitua método como “um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”. O autor lembra que muitos confundem método com técnica. Ele conceitua esta última como “o modo de fazer, de forma mais hábil, mais segura, mais perfeita, algum tipo de atividade, arte ou ofício”. Assim, técnicas distintas podem ser utilizadas ao se empregar um mesmo método, embora alguma(s) seja(m) mais adequada(s) do que outra(s).

Barros e Lehfel'd (2000, p. 55) alertam também que “o método não é único e nem sempre o mesmo para o estudo deste ou daquele objeto e/ou para este ou aquele quadro da ciência, uma vez que reflete as condições históricas do momento em que o conhecimento é construído”.

De acordo com Bunge (apud BARROS; LEHFELD, 2000, p. 60), seja qual for o método científico, esse campo de investigação deve seguir estas etapas:

- a) descobrimento do problema ou lacuna em um conjunto de conhecimentos;
- b) colocação precisa do problema ou, ainda, a recolocação de um velho problema à luz de novos conhecimentos;
- c) procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes do problema (dados empíricos, teorias, aparelhos de medição, técnica de medição, etc.);
- d) tentativa de uma solução (exata ou aproximada) do problema com auxílio de instrumento (conceitual ou empírico) disponível;
- e) investigação da consequência da solução obtida;
- f) prova (comprovação da solução, no confronto da solução com a totalidade das teorias e das informações empíricas pertinentes);
- g) correção das hipóteses, teorias, procedimentos ou dados empregados na obtenção da solução incorreta.

Em diversas obras sobre metodologia científica, encontram-se minúcias sobre os mais diversos métodos científicos, desde os primórdios tempos, quando a ciência tomou forma e tornou-se fomento. Dentre essas obras, destaca-se a de Lakatos e Marconi(1992), Nascimento(2002), Gil(2002), Parras e Almeida(1999), entre outras.

Como este texto não tem o propósito de aprofundar tal questão, mas apenas expor uma visão geral, a seguir estão apresentados os métodos destacados por Barros e Lehfeld (2000, p. 61-65) que se aplicam a cada tipo de pesquisa e a cada situação de investigação. Esta classificação corrobora outras tantas definidas por outros autores da Metodologia e Pesquisa Científica.

Método indutivo

O método indutivo é aquele em que se utiliza a indução, processo mental em que, partindo-se de dados particulares, devidamente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas.

Método dedutivo

No método dedutivo, a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo têm mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza-se a dedução, raciocínio que caminha do geral para o particular.

Método da experimentação

Pode-se definir a experimentação como um conjunto de procedimentos que se estabelecem para verificar as hipóteses. Ela sempre se realiza em situação de laboratório, ou seja, controlando-se as circunstâncias e variáveis capazes de interferir na relação causa/efeito estudada.

As hipóteses, em geral, indicam uma relação de antecedência (variável dependente) entre os fenômenos. Na experimentação, procura-se verificar se a relação existe mesmo e qual é a proporção de variação encontrada em tal relação.

Método da diferença

Esse método também é denominado método das variações concomitantes. Nele se faz variar a intensidade da causa a fim de verificar as variações do fenômeno. Diz-se que é o método de resíduos, pois, “separando-se de um fenômeno o fator que é o efeito conhecido, o resíduo do fenômeno pode ser considerado efeito dos antecedentes que restaram” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 65).

Método dialético – junção das abordagens indutivas e dedutivas.

6.1 Cronograma

O Cronograma é a previsão de tempo que será gasto na realização do trabalho de acordo com as atividades a cumprir. As atividades e os períodos definir-se-ão a partir das características de cada pesquisa e dos critérios determinados pelo autor do trabalho. Os períodos podem se dividir em dias, semanas, quinzenas, meses, bimestres, trimestres. Este serão determinados a partir dos critérios de tempo adotados por cada pesquisador.

Exemplo:

	ATIVIDADES / PERÍODOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	Levantamento de literatura	X									
2	Montagem do Projeto		X								
3	Coleta de dados			X	X	X					
4	Tratamento dos dados				X	X	X	X			
5	Elaboração do Relatório Final						X	X	X		
6	Revisão do texto									X	
7	Entrega do trabalho										X

6.2 Orçamento/Recursos

Normalmente, as monografias, as dissertações e as teses acadêmicas não necessitam que sejam expressos os recursos financeiros. Os recursos serão incluídos quando o Projeto for apresentado para uma instituição financiadora de Projetos de Pesquisa.

Os recursos financeiros podem se dividir em Material Permanente, Material de Consumo e Pessoal, sendo que esta divisão vai ser definida a partir dos critérios de organização de cada um ou das exigências da instituição onde está sendo apresentado o Projeto.

6.3 Anexos ou Apêndices

Estes itens serão incluídos quando for adequado juntar ao Projeto algum documento que proporcione esclarecimento, adicional e pertinente, ao texto. A inclusão, ou não, fica a critério do autor da pesquisa.

Anexos são cópias de documentos, formulários, planilhas ou outro registro sistematizado que foi realizado ou elaborado por outros. Não são de autoria do pesquisador. O autor de cada anexo precisa ser citado no corpo do texto da pesquisa.

Apêndices são instrumentos, produzidos pelo pesquisador, utilizados na pesquisa, como por exemplo: os questionários, os formulários, tabelas que não estejam apresentadas no texto, fotos e outros.

6.4 Referências

As referências dos documentos consultados para a elaboração do Projeto constituem item obrigatório. Nelas normalmente constam os documentos e qualquer fonte de informação consultada no Levantamento de Literatura. O registro das referências precisa seguir as definições da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

Referência é o conjunto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de materiais. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (2000, p.1) na NBR6023:2000: *“fixa a ordem dos elementos das referên-*

cias e estabelece convenções para transcrição e apresentação de informação originada do documento e/ou outras fontes de informação”.

Nos trabalhos acadêmicos, a referência pode aparecer em nota de rodapé, ou no final do texto, ou encabeçando resumos ou resenhas. Para uma melhor recuperação de um documento, as referências devem ter alguns elementos indispensáveis, como: 1. autor (quem?); 2. título (o quê?); 3. edição; 4. local de publicação (onde?); 5. editora; 6. data de publicação da obra (quando?).

Estes elementos devem ser apresentados de forma padronizada e na sequência apresentada acima. Uma das finalidades das referências é informar a origem das ideias apresentadas no decorrer do trabalho. Nesse sentido, apresente-as completas para facilitar a localização dos documentos.

6.5 Glossário

São as palavras de uso restrito ao trabalho de pesquisa ou pouco conhecidas pelo virtual leitor, acompanhadas de definição. Também não é um item obrigatório. Sua inclusão fica a critério do autor da pesquisa, caso haja necessidade de explicar termos que possam gerar equívocos de interpretação por parte do leitor.

6.6 Esquema do Trabalho

O Esquema do Trabalho, ou Plano de Estudo, como também é conhecido, é o guia do pesquisador na elaboração do texto final. Este Esquema é um esboço, podendo ser totalmente alterado durante o desenvolvimento do trabalho. Depois de concluída a pesquisa, este Esquema irá se tornar o Sumário do trabalho final.

O plano de trabalho de uma pesquisa pode sofrer algumas modificações de nomenclaturas nos títulos, alternância na ordem de seus itens e extensão quanto às finalizações com resultados e conclusões, conforme o tipo de produção científica (registro documental) que venha dele resultar.

De modo geral, os itens que estão organizados no quadro a se-

guir (Figura 3) devem ser observados quando do planejamento para a pesquisa, quando da sua realização e posterior dissertação textual. Este é um esquema que podemos chamar de ficha, mas na linguagem da metodologia científica o chamamos de Sinopse.

SINOPSE PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISAS	
Tema (para subsidiar na delimitação do título)	
Título (deve ao máximo explicar o que contém o Projeto e irá subsidiar a Introdução)	
<hr/>	
1 INTRODUÇÃO (O que é?)	
1.1 Contextualização (Onde?) - deve apresentar o assunto, demonstrando que este faz parte do contexto vivenciado pelas pessoas.	
1.2 O problema (O que incomoda? O que pretende descobrir?) - deve ser dissertado, encerrando com uma ou algumas questões que buscam responder o porquê e o para quê da intervenção.	
1.3 Justificativa (Por quê?) - deve ao máximo apresentar o motivo que impulsionou a realização do Projeto e definir a importância de tratar ou intervir sobre o assunto abordado na pesquisa.	
1.4 Os objetivos (Para quê?) – devem descrever ações que se pretende alcançar. Fiquem atentos aos verbos que devem ser utilizados para a elaboração dos objetivos gerais e para os objetivos específicos)	
1.5 As hipóteses (se... probabilidades) – são respostas afirmativas ou negativas que provavelmente serão respondidas após os resultados da aplicação do projeto .	
2 REFERENCIAL TEÓRICO (Quem já falou e pode comprovar a respeito?) - refere-se ao estudo teórico, à abordagem dos autores ou órgãos e instituições sobre o assunto. Para a escrita e entendimento (leitura) facilita se for dividido em tópicos. Neste caso, divida em no máximo dois tópicos.	

Figura 3 – Quadro das etapas para elaboração de projetos adaptáveis a outras produções científicas (fonte de adaptação: ABNT).

Este esquema estrutura o texto do trabalho científico, o chamado “corpo” da pesquisa. Elaborado com base numa breve leitura ou conhecimento acerca do assunto, o esquema norteia os estudos, as investigações. Este esquema estrutura o texto do trabalho científico, o chamado “corpo” da pesquisa.

Assim, a estrutura textual do trabalho científico precisa ter um encadeamento sequencial de ideias e abordagens. A seguir temos um exemplo de sumário que demonstra esta estrutura.

Exemplo:

Título: **Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça**

1 INTRODUÇÃO

2 HISTÓRICO DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

3 O PODER DA RELIGIÃO

3.1 O mito de Lilith/Eva

3.2 O mito da Virgem Maria

4 O PROCESSO DE EDUCAÇÃO

5 O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA

5.1 A questão da maternidade

5.2 Direitos e deveres

5.3 A moral da família

5.4 Casamento: um bom negócio

5.5 A violência

6 UM CAPÍTULO MASCULINO

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um Projeto de pesquisa, portanto, deve possuir algumas características obrigatórias, além das opcionais, para estruturar esse “corpo”. O desenvolvimento de cada tópico do esquema é a “alma” da pesquisa, é o “produto”, o “recheio”, o “fomento”. Desta forma, resumindo, seguindo o plano de estudo de maneira mais sistemática e tradicional, os tópicos centrais de um projeto de pesquisa são:

1 - Introdução (obrigatório)

2 - Levantamento de Literatura (obrigatório)

- 3 - Problema (obrigatório)
- 4 - Hipótese (obrigatório)
- 5 - Objetivos (obrigatório)
- 6 - Justificativa (obrigatório)
- 7 - Metodologia (obrigatório)
- 8 - Cronograma (se achar necessário)
- 9 - Recursos (se achar necessário)
- 10 - Anexos ou Apêndices (se achar necessário)
- 11 - Referências (obrigatório)
- 12 - Glossário (se achar necessário)

O trabalho científico tem sua estrutura formada para além do texto, completa-se pelo pré-texto e pelo pós-texto. Estes antecedem e precedem, respectivamente, o texto, que é parte do trabalho desenvolvido e apresenta as pretensões, os estudos e os resultados da investigação. Assim, compõem o trabalho científico como pré-textos: capa, ou falsa folha de rosto (opcional), folha de rosto (obrigatório), sumário (obrigatório); e como pós-textos: referências (obrigatório), apêndices (material de suporte produzido pelo pesquisador), anexos (material de suporte produzido por outros) e qualquer outro material que complemente ou fundamente o texto.

Porém é imprescindível que o pesquisador tenha em mente o que quer investigar. É preciso que o assunto o estimule a buscas. É necessário que o objeto de estudo seja um motivo impulsionador de sua curiosidade e que o resultado deste estudo tenha importância para ele e, sobretudo, para o bem comum.

Exemplos:

O tema de uma pesquisa é um assunto que se deseja provar ou desenvolver: é uma proposição genérica;
Problema é um enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional, cujo melhor modo de solução é uma pesquisa;

Exemplo 1 - Tema: “O perfil da mãe que deixa o filho recém-nascido para adoção”. **Problema:** “Quais condições exercem mais influência na decisão das mães de dar o filho recém-nascido para adoção?”. **Hipótese:** “As condições que representam fatores formadores de atitudes exercem

maior influência na decisão das mães de dar o filho recém-nascido para adoção do que as condições que representam fatores biológicos e sócio-econômicos.

Exemplo 2 - Tema: “A formação e atuação profissional do psicólogo brasileiro”. **Problema:** “Quais as áreas de atuação profissional preferidas pelo psicólogo brasileiro?”. **Hipótese:** “A área de atuação preponderante do psicólogo brasileiro é a organizacional, por ser aquela que oferece maiores oportunidades de emprego na atual realidade sócio-econômica do país”.

Exemplo 3 - Tema: “Interesses e dificuldades dos pais na alfabetização dos filhos.”

Realizar um levantamento de dados referentes aos interesses e às dificuldades dos pais em relação à participação na alfabetização de seus filhos foi o principal objetivo deste estudo. Foram sujeitos desta pesquisa 25 mães de crianças em pré-escola e 1ª série de uma escola particular. Foi utilizado um questionário com duas perguntas sobre os interesses e as dificuldades dos sujeitos e sobre a disponibilidade de tempo neste contexto. Os resultados mostraram que os sujeitos parecem estar dispostos a participar mais efetivamente desse processo com a escola. Os interesses parecem estar voltados à evolução da escrita na criança e aos métodos de alfabetização. As dificuldades apareceram em relação às condutas diante da aprendizagem da criança (Nucci, E. P., 1997 / Psicologia Escolar e Educacional, 1(2), 23-28).

Vale lembrar que a descoberta deve beneficiar a coletividade. Portanto, as respostas da investigação deverão beneficiar a humanidade, direta ou indiretamente. Esta importância dada ao assunto, no formato geral, é definida já no tema. E a sua particularidade é definida como título.

6.7 Coletas de Dados

A coleta de dados, diferentemente do que se pode pensar, não acontece somente no momento de execução da pesquisa. Até porque a pesquisa inicia no momento em que se começa a pensar sobre o problema a ser investigado. A coleta de dados se dá, portanto, desde o princípio do plano de estudo, ou mesmo em tempo anterior a ele, naquele momento do “pensar”.

Existem instrumentos, técnicas e procedimentos de coleta de dados. Os principais instrumentos são: questionários, formulários, docu-

mentos (como fichas de cadastros, de acompanhamento, de estoque; projetos; relatórios). As técnicas mais comumente utilizadas são: observação, entrevista, análise de conteúdos (levantamento e sistematização de dados por meio de fichamento). Os instrumentos de coletas de dados e as técnicas de pesquisa podem ser diferenciados e variam a depender do tipo de pesquisa, dos sujeitos da pesquisa, da intenção da investigação.

7 PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A Pedagogia, ciência da educação, apresenta determinadas maneiras de organização da ação pedagógica, segundo determinados pressupostos teóricos, que revelam determinadas posturas políticas, determinadas maneiras de conceber a realidade e agir para o alcance de objetivos.

O professor-educador é um leitor, um escritor, um pesquisador, que faz pedagogia. No exercício da docência é um leitor da realidade escolar, da sala de aula, observando-a, interpretando-a, buscando significados. É investigador quando está observador, questionador quando busca aprender sobre a relação de ensinar e aprender; quando se questiona constantemente para descobrir de que modo as atitudes, as capacidades e os conhecimentos adquiridos durante o processo formativo podem ser mobilizados em uma situação real de trabalho.

O professor-pesquisador apresenta atitudes investigativas. Estas se revelam quando ele se empenha em detectar problemas, em procurar na literatura referências para estas ou aquelas situações, quando troca experiências com colegas, quando utiliza diferentes recursos teórico-metodológicos, como a observação, a reflexão e o registro.

A investigação origina e promove outras atitudes: curiosidade, vontade de encontrar explicações, criatividade, confronto de diferentes pontos de vista, e direciona a prática pedagógica para alcançar objetivos, ao examinar atentamente os processos de ensino e aprendizagem na própria sala de aula, ao realizar estudos sobre alunos e grupos de alunos, ao fazer descobertas sobre si mesmo e sobre seus alunos.

Nesse sentido, os modelos desse tipo de investigação são baseados na observação participante; na documentação e descrição de processos; na realização de entrevistas; na construção das biografias educativas. Estrela (1984) já naquela época abordava a necessidade do professor desenvolver esta competência: ser pesquisador. A autora afirmava que aquele professor que ‘olha’ para a sua classe, mas não a ‘vê’, não sabe dar aos fenômenos observados uma expressão objetiva. Este dificilmente saberá intervir sobre a aprendizagem e fatalmente terá dificuldades para mediar o caminho para a construção do conhecimento de seu aluno.

Na forma sistematizada da pesquisa, atentando para o objetivo específico a que se destina a pesquisa em educação, vale destacar que os registros, as produções científicas, não alteram sua estrutura. As diferenças estão centradas na intencionalidade. Assim, um projeto de pesquisa em educação terá a mesma estrutura que um projeto de pesquisa em administração ou outra área, ou ciência.

No entanto, quando falamos de projeto de pesquisa há que se considerar diferenças quanto aos projetos de ensino, que são próprios do campo de educação. Num projeto de ensino, a intencionalidade é a prática pedagógica para que sejam alcançados os objetivos de ensino e aprendizagem; é este último um plano de trabalho, um plano de ensino que contempla certa sequência didática, para um determinado período, cujo objetivo precisa ser alcançado pelo aluno. No projeto de pesquisa, a intenção, a finalidade, está para a coletividade de forma que proporcione respostas a situações e casos semelhantes. É algo que se direciona do geral para o específico, tem caráter investigativo e os objetivos serão alcançados pelo investigador, autor do projeto.

O projeto de pesquisa em educação vislumbra respostas a problemas levantados em sala de aula, no campo da gestão, no exercício da coordenação pedagógica ou problemas de enfoque social e psicológico. A amplitude e diversidade é uma característica do projeto de pesquisa, não se limita a eventos ou ações didático-pedagógicas. É comum afirmarmos que o projeto de pesquisa é o plano da investigação para que o educador, a partir destas respostas, elabore projetos de ensino ou de gestão escolar, ou retroalimente o Projeto Pedagógico da escola.

As etapas de elaboração de um projeto quase sempre seguem uma mesma sequência, obedecendo até mesmo igualdade terminológica. Mas o autor, a depender do papel que esteja ocupando no momento da pesquisa, precisa se colocar como pesquisador, ou como educador, ou como educador-pesquisador. Este último é aquele para o qual a contemporaneidade tem aberto espaços de participação e ascensão profissional.

As concepções teóricas das ciências foram, no decorrer dos séculos, modificando-se. Desta forma, numa retrospectiva histórica, é possível perceber um panorama de variações conceituais e práticas da investigação nas ciências sociais. Assim, as diferentes correntes teórico-filosóficas foram surgindo, com relação direta ou não com as ciências, da mitologia grega ao politicamente correto, passando pelo estoicismo, marxismo, liberalismo e tantas outras escolas ou linhas de pensamento. Se esta aventura humana inicia com a mitificação, ainda que a partir de metáforas ricas, repletas do melhor pensamento especulativo, evolui no sentido contrário, da desmitificação, ainda que os filósofos e cientistas da atualidade, vez ou outra, criem novos mitos. Evoluímos, valorizando, cada vez mais, universalizando tal valorização pela massificação do ensino e da aplicação das teorias pedagógicas, “as complexas variações da pesquisa, (reconhecendo) na investigação educativa o caráter multiparadigmático que a especifica e que nos últimos anos tem motivado discussões em congressos, seminários, encontros(...)” (Gamboa, 1997, p. 62).

Na medida em que surgem as necessidades de redimensionar a pesquisa de caráter social, é inevitável debater sobre as insuficiências metodológicas que ainda impõem situações cuidadosas na definição e nas escolhas, teóricas e práticas, necessárias à investigação e à análise dos dados que compõem o processo da pesquisa educacional (Fazenda, 1994).

Estas reflexões permitem definir melhor as alternativas e as opções teórico-metodológicas que os investigadores assumem na medida em que declaram para quem, para que tipo de homem e em função de que tipo de sociedade realizam suas investigações (Gamboa, 1998, p. 99).

As reflexões não são um mero exercício acadêmico, mas uma tarefa necessária à caminhada para a produção de novos conhecimentos, de novos processos, que visam o desenvolvimento de uma autonomia teórico-metodológica e de um olhar crítico, capaz de possibilitar o aumento progressivo de massa crítica nas instituições de pesquisa, a busca de novas alternativas para o conhecimento de uma realidade dinâmica e, como afirma Gamboa (1997, p. 61), polifacética, como é a problemática educativa.

Assim, a pesquisa em educação precisa interligar o sentido teórico e prático sem perder a cientificidade e a possibilidade de aplicabilidade. É, pois, teórico-metodológica. É assim com as pesquisas em outras áreas. Pesquisar no campo ou para o campo educacional é um trabalho que envolve um planejamento análogo ao de um cozinheiro, por exemplo, que pesquisa e executa, e assim o faz ao elaborar uma receita e preparar este prato, pondo em prática os seus conhecimentos teóricos (a receita). Almeida Santos (2006), em seu material de trabalho, descreve esta analogia, afirmando que o cozinheiro precisa saber o que ele quer fazer, obter os ingredientes, assegurar-se de que possui os utensílios necessários e cumprir as etapas requeridas no processo. Nesse sentido, destaca que um prato será saboroso na medida do envolvimento do cozinheiro com o ato de cozinhar e de suas habilidades técnicas na cozinha. O sucesso de uma pesquisa também dependerá do procedimento seguido, do envolvimento com a pesquisa e da habilidade em escolher o caminho para atingir os objetivos da pesquisa.

A pesquisa é um trabalho, um processo, não totalmente controlável ou previsível. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito. O percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisamos, então, não somente de regras, mas sim de muita criatividade e imaginação, sem perder o foco.

Consideramos a etapa de elaboração do projeto de pesquisa como sendo especialmente importante, talvez a mais importante no sentido da manifestação de suas inquietações acadêmicas. No momento pode parecer demagogia, mas com o tempo, com a experiência que o debruçar sobre a pesquisa e a sua efetivação traz, você perceberá que se tornou ainda mais profissional à medida que volveu olhares de pesqui-

sador para problemas do seu cotidiano e, inevitavelmente, mais sócio-participativo, humano, que compreende o outro e as situações além de um rápido olhar, sendo conhecedor de que hipóteses precisam ser fundadas e de que o que parece ser nem sempre é, a verdade precisa vir à tona. Investigar é algo quase intrínseco à natureza humana.

A Metodologia tem como função, segundo Almeida Santos (2006), mostrar ao aluno, pesquisador iniciante, como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo.

A elaboração de um projeto de pesquisa e o desenvolvimento da própria pesquisa, seja para construção de uma dissertação ou tese, necessita, para que seus resultados sejam satisfatórios, de planejamentos cuidadosos, reflexões conceituais sólidas, alicerçados em conhecimentos já existentes.

7.1 Produções científicas em educação – textos científicos –

A seguir, apresentamos o texto de uma produção científica como exemplo de texto dissertativo.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação

TEMA: Prática Pedagógica

TÍTULO:

1 INTRODUÇÃO

A globalização de mercado, a revolução na informática, nas comunicações, a transformação dos meios de produção e dos processos de trabalho e a alteração no campo dos valores e atitudes são alguns ingredientes do período vivenciado que têm obrigado as nações a construir um sistema social e, sobretudo, econômico globalizado.

Desta maneira, as pessoas são impulsionadas a rever seus conceitos e práticas, seja no ambiente de trabalho, seja em sua particularidade cotidiana.

A temática abordada neste estudo suscita esta motivação como aspecto importante para a excelência da prática docente e para a qualidade do processo ensino-aprendizagem em uma instituição de ensino superior. Parte

do pressuposto de que o professor tem a opção de ser mero transmissor ou, agindo de modo diverso, de ser um inquietador de descobertas. A escolha do caminho a trilhar está relacionada às suas concepções acerca da profissão em que atua e da motivação deste profissional para o exercício de mediar seus alunos na busca de novas descobertas.

Os textos que se seguem e fazem parte do eixo dissertativo desta pesquisa se encontram organizados em tópicos centrais e subtópicos. De forma sistemática apresentam a problemática da pesquisa, os objetivos propostos, a justificativa e importância de se tratar desta temática.

1.1 O problema

As questões pedagógicas sempre constituíram foco importante dos debates educacionais, vistos a partir das influências políticas, econômicas e sociais que atuam decisivamente na qualidade dos resultados construídos no interior das instituições educacionais.

Apesar dos aspectos pedagógicos por si só não serem responsáveis pelo desempenho e resultados encontrados na realidade educacional, pois se configuram como a expressão de um movimento bem mais amplo, em âmbito nacional e internacional, devem ser entendidos como de fundamental importância para compreender o que ocorre nas instituições de ensino.

Nesse sentido, a prática pedagógica e a motivação precisam caminhar juntas para que a educação se processe na excelência, para o seu mais nobre fomento: a formação do homem cidadão, preparado para a vida e para o trabalho, sobretudo se esta prática se efetiva no Ensino Superior. E é sob estas perspectivas que se fundamenta a questão que conduziu à realização deste estudo: descobrir em que medida a motivação influencia a excelência da prática docente do processo de ensino-aprendizagem da IES “F”, Bahia, Brasil.

1.2. Objetivos

1.2.1. Geral

Determinar o grau de influência da motivação na excelência da prática docente do processo de ensino-aprendizagem em uma instituição de ensino superior do estado da Bahia, Brasil.

1.2.2. Específicos

- Caracterizar os docentes da instituição com base na qualificação profissional e na percepção dos alunos sobre o desempenho destes no ensino; identificar a concepção que os professores e os alunos têm sobre a prática pedagógica por eles desenvolvida; identificar as competências necessárias

para a prática docente; verificar os fatores que inibem e bloqueiam a criatividade docente; verificar os fatores que impulsionam a motivação do professor, relacionando-os à excelência da prática pedagógica desenvolvida;

Infelizmente o que se vivencia nas Instituições de Ensino Superior brasileiras são práticas docentes dissociadas desta nova realidade, que são retratadas nas avaliações de desempenho dos alunos, realizadas anualmente, a exemplo dos provões, dos exames da OAB, e no próprio contexto do mercado de trabalho, que seleciona por escolaridade e exclui por falta de competências esperadas do profissional do Ensino Superior quando em exercício. Sabe-se que este não é o único problema encontrado nas instituições. Na atualidade, as práticas docentes têm caráter decisivo no enfrentamento destes problemas. Outras dificuldades que interferem nas práticas docentes, no entanto, precisam ser referidas, tais como:

O clima institucional vivido, o momento político-econômico do país, o nível de organização e pressão da sociedade civil, as formas de controle do conhecimento profissional, a estrutura interna de poder, a legitimidade organizacional e de lideranças, o nível de satisfação profissional dos professores e servidores, o engajamento e articulação dos alunos, enfim toda a gama de fatores que num jogo intrincado de relações estimulam certos comportamentos e inibem outros (Cunha, 1998, p. 33).

A discussão anterior evidencia que a formação e a prática do professor-educador passou a requerer não somente a assimilação dos conteúdos propostos nos programas do ensino, mas, sobretudo, a capacitação para lidar com métodos mais eficazes aos desafios que a realidade social viesse a apresentar. (...)

1.3. Justificativa

O processo educacional evidencia, muitas vezes, um distanciamento entre as teorias estudadas nos bancos das escolas e as práticas sociais que deveriam ser desenvolvidas numa perspectiva criativa e com caráter inovador, capazes de transformar e solidificar mudanças importantes frente às novas necessidades humanas e organizacionais.

Esse caminhar se articula ao debate sobre a formação e o exercício dos profissionais da educação em todos os campos, bem como aos processos gerenciais necessários ao desenvolvimento da educação no ambiente escolar.

A discussão entabulada neste trabalho remete ao debate sobre uma temática relevante e envolve algumas questões: Como o professor se coloca

frente aos seus alunos? Como os professores se sentem motivados para exercer suas práticas na perspectiva de contribuir com o processo de formação dos alunos? Como lida com as dificuldades encontradas no cotidiano da profissão? Como desenvolve a sua criatividade e o que o bloqueia no processo de busca de excelência na formação de seus alunos? Quais competências o professor tem desenvolvido e quais ele acredita que precisa possuir para dar conta das novas exigências colocadas ao seu fazer profissional e como se sente motivado para construí-las? Esta motivação, ou a falta dela, reflete na qualidade do processo ensino-aprendizagem?

Essas questões foram norteadoras e impulsionadoras do interesse que conduziu a iniciativa de realização deste estudo sobre motivação em ambiente escolar e tem sua justificativa e relevância apoiada no fato da autora e pesquisadora conceber a educação como um processo sistematizado, o eixo principal das grandes transformações sociais e econômicas de um povo. E, assim sendo, esse processo deve ser desenvolvido a partir da valorização do eu e do outro, na potencialização dos saberes culturais, éticos e morais, reconstruindo, assim, um ambiente motivado, prazeroso, significativo e impulsionador de competências e habilidades necessárias para a sociedade.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. Revisão bibliográfica

Esta seção é constituída de uma revisão literária sobre as variáveis do estudo, incluindo as ideias, experiências e pensamentos de autores reconhecidos no campo desta pesquisa.

2.1.1. *Contextualização: Educação, ensino e aprendizagem na prática pedagógica*

O conceito de educação, ensino e aprendizagem na prática pedagógica deve estar alicerçado ao ser e ao fazer do professor educador a partir da construção da sua identidade e de seus pressupostos filosóficos e políticos de homem, mundo e sociedade que se quer formar.

A educação, segundo Durkheim, expressa uma doutrina pedagógica que se apoia na concepção do homem e sociedade. O processo educacional emerge através da família, igreja, escola e comunidade, pois para ele a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança determinados números de estados físicos, intelectuais e morais que dele reclamam, por um lado, a sociedade política em seu conjunto e, por outro, o meio específico ao qual está destinado. Durkheim (1973, p. 44)

Para Parsons (1964), sociólogo americano, divulgador da obra de Durkheim,

a educação, entendida como socialização, é o mecanismo básico de constituição dos sistemas sociais e de manutenção e perpetuação dos mesmos em formas de sociedades. Parsons destaca que sem a socialização o sistema social é ineficaz de manter-se integrado, de preservar sua ordem, seu equilíbrio e conservar seus limites. A educação não é preparação nem conformidade. Educação é vida, é viver, é desenvolver, é crescer. Dewey (1971, p. 29).

(...)

2.1.2. Características para ser e tornar-se professor-educador na sociedade do conhecimento

De maneira mais oficial, a identidade deste professor universitário está caracterizada na legislação básica da educação no Brasil, definida pela Lei das Diretrizes Básicas Nacionais (LDB), 9394, de 1996, no âmbito de sua formação. Parte do princípio de competência que advém do domínio da área de conhecimento na qual atua. Aí remetemos à definição apresentada por Bourdieu (1983), quando caracteriza o campo científico e discute a competência científica do professor como resultante da imbricação entre competência técnica e poder social, sendo a primeira definida no próprio campo científico.

Bem, agora que você conhece os fundamentos, os formatos, os caminhos e já exercitou um pouco a produção científica, fique à vontade, consulte o livro o quanto quiser e pratique muito. Até a próxima!!!

Via Litterarum
EDITORA

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SANTOS, Valéria. **Pesquisa e Metodologias (módulo de ensino)**. Itabuna, 2006.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: MAKRON, 2ª ed. ampliada, 2000.

CURY, Antonio. **Organização e métodos: uma visão holística**. São Paulo: Atlas, 8ª ed, 2005.

DEMO, P. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 4ª ed, 1996.

D'OLIVEIRA, M.M.H. **Ciência e Pesquisa em Psicologia: uma introdução**. São Paulo: EPU, 1984.

FAZENDA, Ivani (org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 3ª ed, 1994

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 2ª ed, 1997. (orgs. José Camilo dos Santos Filho e Silvio Sánchez Gamboa).

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Fundamentos para la investigación educativa: presupuestos epistemológicos que orientan al investigador**. Santa Fé de Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007

- KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 3ª ed, 1991.
- MARX, Melvin H. & Hillix, William. **Sistemas e Teorias**. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.
- Minayo MCS. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.
- NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- Nucci, E. P., 1997 / **Psicologia Escolar e Educacional**, 1(2), 23-28)].
- OLIVEIRA, Djalma.P.R, **Sistemas, organização e métodos: uma abordagem gerencial**. São Paulo: Atlas, 15ª ed, 2005.
- PARRAS FILHO, Domingos e ALMEIDA, João. **Metodologia Científica**. São Paulo: Futura, 6ª ed, 1999.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; Colado, Carlos Fernández; e Lucio, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 3ª ed, 2006.
- SILVA, Edna e MENEZES, Estela. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2001.
- THOMAS, J.R., NELSON, J.K., SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 5ª ed, 2007.

Via Litterarum
EDITORA

